

MARCUS PIRES

piresolm@gmail.com

# Jó, o Mal, o Caráter do Eterno e o Contrato

*Da covardia que teme novas verdades*

*Da preguiça que aceita meia-verdade*

*Da arrogância que pensa saber toda a verdade*

Ó Senhor, livra-nos (Pv 4.18; Fp 1.6). Artur Ford

*Ideias importantes são primeiramente ridicularizadas, depois atacadas e finalmente absorvidas.* – Arthur **Schopenhauer** (1Tm 1.13-15).

*O verdadeiro saber, é de saber reconhecer a verdade, ainda que seja filha de outros olhos, ou de outro entendimento, e não se cegar com o próprio, como se cegar com Lúcifer.* - Padre **Antônio Vieira** (2Tm 3.2,7,8).

*Não somos seres humanos vivendo uma experiência espiritual; somos seres espirituais vivendo uma experiência humana* – **Teilhard de Chardin** (Jó 10.11; ZC 12.1; JO 3.4-8 e 4.24 e 6.63; At 17.28,29; 1CO 15.45-50; Hb 12.9; Jd 19; Ap 3.1).

*Sendo o homem um ser espiritual, segue-se que **todos** os seus problemas são de natureza espiritual* – A. W. **Tozer** (Pv 16.17; Mt 6.33; 1JO 5.18).

*Deus sussurra em nossos ouvidos por meio de nosso prazer, fala-nos mediante nossa consciência, mas clama em alta voz por intermédio de nossa dor. Este é seu megafone para despertar o homem surdo.* C.S. **Lewis** (SI 81.12-14; SI 109.6,17-19; SI 119.67; Mt 23.34-39; 1CO 10.13; 2Ts 2.10-14; Tg 1.12-17).

*Mas o que posso dizer? Foi Ele mesmo quem prometeu [Ec 8.5], e Ele mesmo fez isso [Lm 2.3 e 3.39; Hb 12.5-11]. Depois de passar por tanto sofrimento, os últimos anos da minha vida serão de humildade diante de Yahú.* (Is 38.15, BV; Rm 8.28; 2CO 12.7-9; Gl 6.7; Fp 1.19; 1Ts 5.18).

Clubedeautores.com.br ou Amazon.com ou [piresolm@gmail.com](mailto:piresolm@gmail.com)

PIRES, Marcus Luiz de Oliveira

**Jó, o Mal, o Caráter do Eterno e o Contrato**

Registrado no EDA, da FBN, nº 798016, Livro 1550, f. 449

Outubro/2024 (tamanho 14,8 x 21,0 cm, com 611 p.)

Ano 2024 do calendário gregoriano = ano 5784 do calendário judaico, o qual  
findará ao pôr do sol de 02 de outubro de 2024 do calendário gregoriano

5ª edição bastante ampliada

CDD 20 - 230 - 200

1) Bíblia - 2) Religião - 3) Cristianismo.

Os principais princípios e controvérsias bíblicas aqui são debulhados, onde o autor dá a sua opinião e farto fundamento bíblico para cada pensar seu, e, aditivamente, menciona livros e vídeos de outros teólogos, com opiniões controvertidas entre eles, para que, assim, o leitor possa se posicionar abaladamente, a partir das divergentes teses doutrinárias da Bíblia.

Todos os direitos reservados ao autor da obra, ficando proibida, ainda que parcialmente, a reprodução da presente, salvo mediante autorização prévia e escrita do autor, conforme legislação em vigor.

Acesse: <http://www.tvf7.com.br/>

*“E aqueles que foram vistos dançando foram considerados loucos por aqueles que não conseguiam ouvir a música.”* - Germaine de Staël, em *De l'Allemagne*, Londres: John Murray, Albemarle Street, 1813 - frase, contudo, erroneamente atribuída a Friedrich W. Nietzsche (1844-1900), que a reproduziu.

*“A esperança tem duas filhas lindas: a indignação e a coragem. A indignação nos ensina a não aceitar as coisas como estão; a coragem, a mudá-las”* (Agostinho).

*“Ou Deus pode evitar o mal, mas não quer [e neste caso a culpa pelas milhares de mortes seria Dele]; ou quer evitá-lo, mas não consegue [e neste caso Ele não teria o propalado controle absoluto de tudo, como assim sempre insistiu em dizer a própria igreja]”* - resposta à igreja dada por Voltaire (1694-1778), após o terremoto que destruiu Lisboa em 1755 (“A ira de Deus”, Edward Paice). Sobre o coração humano, como limite da Onipotência (Ez 18.23,32; 1Tm 2.4,6; Tg 4.17), pois assim determinado pelo próprio e único Onipotente, leia: Dt 7.17,18; Pv 4.23 e 23.26; Mt 8.29 c/c Ap 12.12; Mt 23.37-39; 2CO 4.4; Hb 2.8; 1JO 5.18,19; Ap 3.20; Ap 11.15.

Jules Renard, escritor francês ateu: *“Eu não sei se Deus existe, mas certamente seria melhor para a reputação Dele se não existisse”* - também sobre a afirmação da igreja de que “Deus está no controle de tudo”. (Dn 2.44 e 7.14 X Sl 115.16; JO 14.30 e 18.36; 2CO 4.4; Hb 2.8; 1JO 5.19; Ap 11.15 e 12.10). Veja o vídeo “Jesus, o predestinismo e a vida como ela é!”, do Natan Rufino.

## A PARÁBOLA DO FERREIRO E DO AÇO

– Jr 18.2-6 e 19.11; Rm 8.29 e 9.11-23 e 10.8-11 -

Um ferreiro, depois de uma juventude cheia de excessos, decidiu entregar sua alma a Deus. Durante muitos anos, trabalhou com afinco, praticou a caridade, mas apesar de toda a sua dedicação nada parecia dar certo na sua vida. Muito pelo contrário, seus problemas e dívidas se acumulavam cada vez mais.

Uma bela tarde, um amigo que o visitava – e que se compadecia de sua situação difícil – comentou: - “É realmente muito estranho que, justamente depois que você resolveu se tornar um homem temente a Deus, sua vida começou a piorar. Eu não desejo enfraquecer sua fé, mas, apesar de toda sua crença no mundo espiritual, nada tem melhorado”.

O ferreiro não respondeu imediatamente. Ele já havia pensado nisso muitas vezes, sem entender o que acontecia em sua vida.

Eis o que disse o ferreiro: - “Eu recebo nesta oficina o aço ainda não trabalhado e preciso transformá-lo em espada. Você sabe como é feito? Primeiro, eu aqueço a chapa de aço num calor infernal, até que ela fique vermelha. Em seguida, sem qualquer piedade, eu pego o martelo mais pesado e aplico vários golpes até que a peça adquira a forma desejada. Logo ela é mergulhada num balde de água fria, e a oficina inteira se enche com o barulho do vapor, enquanto a peça estala e grita por causa da súbita mudança de temperatura. Tenho que repetir esse processo até conseguir a espada perfeita: uma vez apenas não é suficiente”.

O ferreiro deu uma longa pausa e continuou:- “Às vezes, o aço chega até minhas mãos e não consegue aguentar esse tratamento. O calor, as marteladas e a água fria termina por enchê-lo de rachaduras. E eu sei que jamais se transformará numa boa lâmina de espada. Então, eu simplesmente o coloco no monte de ferro-velho que você viu na entrada de minha ferraria”.

Mais uma pausa e o ferreiro concluiu:- “*Sei que Deus está me colocando no fogo das aflições* [?! -1CO 10.13; Tg 1.12-17]. *Tenho aceitado as marteladas que a vida me dá, e às vezes sinto-me tão frio e insensível como a água que faz sofrer o aço. Mas a única coisa que peço é:*

**Meu Deus, não desista até que eu consiga tomar a forma que o Senhor espera de mim. Tente da maneira que achar melhor, pelo tempo que quiser, mas jamais me coloque no monte de ferro-velho das almas”.**

*Autor: Lynell Waterman*

- Jr 17.1,4; Ez 2.7,8 e 3.9; ZC 7.12; Mt 19.8; 2CO 3.3 -

“*Antes de ser afligido, eu me extraviava; mas agora guardo a tua palavra*”: Sl 119.67, AA; Is 38.17; Fp 1.13-19. Para o Eterno destruir a criação, pelo dilúvio, bastou-Lhe retirar o seu Santo Espírito de refrear (Is 57.16) o homem e suas maldades, Gn 6.3-12. A ação satânica, com as águas mortais vindas dos abismos (Gn 1.2 e 7.11 e 8.2; LC 8.31; Ap 9.1,11), foi mera consequência, Lm 2.3 = Jó 1.10. «*Ostra feliz não faz pérola*» (Rubem Alves, 2ª ed., 2014)

**A PARÁBOLA DO PIANISTA INVISÍVEL E DOS RATOS**

- Salmo 19 e Sl 14.1 e 19.3; Rm 1.19-22 -

Havia certa vez um grupo de ratos que vivia feliz dentro de um grande piano. Para eles, no mundo do seu piano, a música que ouviam vinha do próprio instrumento que belamente enchia de som todos os lugares escuros com beleza e harmonia.

Num primeiro momento os ratos ficaram impressionados com aquilo. Eles extraíam conforto e admiração com o pensamento de que alguém maior do que eles pudesse estar reproduzindo aquela música. Embora invisível para eles, aquele ser estava sempre perto. Eles gostavam de pensar em um grande pianista que, por razões óbvias, eles não podiam ver.

Então, certo dia, um destemido camundongo saiu do meio dos ratos e subiu na parte superior do piano que dá para aqueles martelinhos com uma cobertura especial e voltou cheio de ideias!

– Descobri finalmente como a música é feita! Disse ele com convicção: As cordas eram o segredo! Elas firmemente estavam esticadas com tamanhos graduados, e então vibravam pela batida dos martelos e aí davam o seu efeito!

E com esta brilhante descoberta os ratinhos entenderam que deveriam fazer uma revisão de suas velhas crenças. Ninguém, a não ser os ratos mais velhos e conservadores, poderia continuar crendo naquela história do pianista invisível.

Mais tarde, um outro rato explorador conduziu a explicação para mais longe:

– Os martelos, dizia ele, é que eram o segredo, e não as cordas. O número de martelos dançando e batendo sobre as cordas é que produzia o som.

Essa era uma teoria mais complicada, mas tudo demonstrava que eles viviam em um mundo puramente mecânico e matemático.

O pianista invisível passou a ser considerado cada vez mais um mito, e quem acreditasse nele não deveria ser levado a sério.

Mas enquanto isso, lá fora, o pianista continuava tocando a sua melodia, a despeito da negação dos ratos “mais inteligentes” que moravam dentro do piano. (Autor desconhecido)

“*Convicções são inimigos da verdade mais perigosos que as mentiras*” (Nietzsche, “Humano, demasiado humano”, I, §483, 2000). Convicções tanto cristalizam e encarceram (quando incoerentes com a Verdade e com o Amor), quanto libertam! Jó foi torturado tanto pelas suas errôneas convicções iniciais, quanto por verdades ditas pelos seus amigos; e foi liberto pelas Verdades a ele ditas pelo Único Amor, quando adquiriu convicções definitivas. Quanto ao autoengano e ao “paradoxo de Stalin”, vá ao final da nota 60.

## OS ORIGINAIS DA BÍBLIA POR SI SÓ APONTAM O NOME QUE JUDEUS E CRISTÃOS DÃO A PRONÚNCIA COMO PERDIDA: EX 3.15

«Esta vez louvarei a יהוה [YHWH]. Por isso, chamou o seu nome יהודה [YHWDH]»: Gn 29.35. YHWDH = Yaohudah ↔ Yahudá ↔ Yehuda ↔ Y'hudá ↔ Judá. Sl 76.1: “Em יהודה [=YHWDH = Iaorrudá] אלהים [UL'HIYM, אלהים ↔ Elohiym, אלהים] se deu a conhecer, e seu Nome se fez grande em Israel”. Ex 3.15, ESN: “(...) Sim, diz-lhes: YAOHUH, o UL'HIM dos nossos antepassados Abru'l'han, Yahtzkh'aq e Yaohu'kaf mandou-me ter convosco. Porque este é o Nome [Ex 9.16 e 34.5; Lv 18.21; Sl 83.16,18] Eterno, a ser lembrado através de todas as gerações”. Pv 30.4; Is 52.6; Jr 23.26,27; Os 2.16,17; Sf 3.9,12,13; ZC 14.9. O significado das siglas está no fim do livro. Logo, é impossível a quem lê nos originais os nomes “Judá”, “Judeus”, “Jerusalém” não saber O Nome do Pai e o Nome do seu Filho! Leia Pv 30.4 em qualquer Bíblia que você a tenha em mãos.

«E Yahuh disse mais a Moisés: Assim dirás aos filhos de Israel: O Elohim Yahuh de vossos pais, o Yahuh de Abraão, o Yahuh de Isaque e o Yahuh de Jacó, me enviou a vós. *Este é o meu nome para sempre*, e este é meu memorial para todas as gerações»: Ex 3.15, como grafado está na Bíblia Sagrada de 1611 “King James Version, O Nome Restaurado”. Na BHS-GTR (Bíblia Hebraica Stuttgart) o Nome omitido também aparece. E a BTX também registra, aqui, o Tetragrama (יהוה) [YHWH].

«E se o meu povo, que se chama pelo Meu Nome...»: 2Cr 7.14; ver Nm 6.27 e 16.3; Sl 74.10; Is 43.7 e 52.6 e 63.12,19; Jr 34.16; Ez 43.8 (Tg 2.7, TB: “... blasfemam eles o bom Nome pelo qual sois chamados”; 1Pe 4.16, BJC; Ap 3.1); Jr 14.7-9, 21 e 15.16 (יהוה) = Jeremias); Dn 9.18,19. Mateus (= Mattithyaohu ↔ Mattithyah); João Marcos (= Yaohu'khanan Moshe); João (= Yaohu'khanan); Timóteo (= Yaohutam). Com que autoridade as traduções cancelaram o Nome?

«Então, se começou a invocar o Nome de יהוה» [YHWH; Yaohu UL = Yaohuw = Yaohuh = Iaorrú]: Gn 4.26 (Jl 2.32; At 2.21; Rm 10.13); Gn 21.33 e 22.14; Gn 26.25; Gn 32.9,10; Ex 3.15,16; 1Rs 18.21; Sl 9.2,10 e 22.22 e 83.18 e 91.14,15 e 135.13; Pv 30.4; Is 42.8; Jr 11.19 e 23.26,27 e 33.2,3; ZC 13.9 - ler na “King James Version, O Nome Restaurado”, ou, melhor ainda, na ESN ou na REVN. Nome do Filho = Yaohushua (= Mt 1.21) ↔ Cumpriu-se Ex 23.20,21.

«Todo aquele que invocar o Nome de יהושע [Iaorrushua = Iaorrú salva; Iaorrushua ↔ Y'hushua ↔ Yeoshua ↔ Yeshua ↔ Iesua/Iesu ↔ Iesus ↔ Jesus] será salvo»: Jl 2.32; Dt 18.18,19; Mt 1.20,21 e 6.9; JO 1.12 e 3.18 e 5.43 e 12.13 e 14.13,14 e 17.6,11,26; At 2.21 e 4.8-12; Rm 10.13; Ef 3.14,15; Hb 2.12; Ap 14.1 - ler na ESN. A Bíblia (Ed 3.2 X ZC 6.11) mostra que após o Cativoiro da Babilônia, Yeshua (do qual mais tarde vai derivar “Jesus”) se tornou o apelido do Nome Yaohushua! Sl 68.4, ESN: “O seu Nome é YAH...”; e na TB: “JÁ é o seu nome; exultai...” (Yah é abreviação de Yaohú). Aleluia vem do hebraico Hallelu-Yah (= Louvem Yaohú), Strong 03050. Nome do Pai= Yaohú.

«Pois eis que sobre a cidade que se chama pelo Meu Nome, eu começo...»: Jr 25.29; Ap 3.12; Jr 12.7,16. «...Jerusalém [= Yaohushuaoleym ↔ Yah'shuaoleym], cidade que Eu escolhi para pôr nela o Meu Nome», Dt 16.5,6 c/c 2Cr 6.5,6 c/c LC 13.33 (Sl 48.2; Mt 5.35); 1Rs 11.36. Yaohushua = Yaohu salva (Ex 23.20,21; JO 17.6,11,12,26).

*Abdicar dos pilares da sua fé é a morte. Mas se cristalizar no humanismo contido nas tradições cegas, sem dar chance a qualquer reexame do conhecimento da verdade que liberta, é fossilizar-se, perfilando-se com aqueles que por isso mesmo (tradições, costumes, religiosidades) pregaram a Vida no Calvário, comprometendo bem mais que esta vida, a eternidade!*

*À sempre bendita Maria Luísa, presente do Eterno (18.03.2020)*

- Is 61.9 e 65.23; Mt 3.18; Mc 10.30; Rm 3.26 e 5.17 e 8.32,37; 1Tm 4.8 -

*Marcus Luiz de Oliveira Pires*

[piresolm@gmail.com](mailto:piresolm@gmail.com)

Cirurgião-dentista (UERJ), com vários cursos, após a graduação, na área desta primeira formação acadêmica, já bastante exercida

Bacharel em Direito (SUAM), com pós-graduação em Direito Penal e Processual Penal (Estácio)

Especialização em Políticas Públicas de Justiça Criminal e Segurança Pública (UFF-MEC)  
Delegado de Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro, com cursos ministrados pela Scotland Yard e pelo Bureau of Diplomatic Security/Departament of State/USA, dentre diversos outros, no Brasil e no exterior

Delegado de Polícia do Departamento da Força Nacional de Segurança Pública/SENASP-Ministério da Justiça

Bacharel em Teologia (CFORT-BN/Faculdades Faceten), com cancelamento do MEC  
Pós em Teologia -Master in Biblical & Ministerial Studies (MBM)- Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, STBSB (MEC)

Mestrado em Ministérios Globais, pelo Seminário Teológico Betel (STB)

Pastor auxiliar da Igreja Batista Renovada no Catumbi (IBRC)

Professor do Seminário "Centro de Formação Teológica Boas Novas – CFORT-BN"

## RESUMO

PIRES, Marcus Luiz de Oliveira. A presente pesquisa visou um conhecimento mais aprofundado sobre o Livro Sagrado de Jó. Pretendeu-se pesquisar e concluir a partir da Bíblia confrontada consigo e confrontando-se também as variadas traduções da Bíblia (Jr 8.8). A doutrina foi amplamente consultada, como se demonstrará, mas somente aceita subsidiariamente. A Bíblia foi usada como régua de si (2CO 13.8), até mesmo como consequência de que se partiu de uma premissa fundamental: a Bíblia é o contrato que o Eterno Criador fez com o homem (Sl 15.4; Sl 138.2; Rm 1.31), e, portanto, a Bíblia representa a autoridade maior e indiscutível, em termos documentamentais, pela qual o homem deve se guiar e por suas cláusulas contratuais viver (Mt 5.17,18; Ap 22.18,19). É por meio da Bíblia que se pode encontrar o Caminho da Vida (JO 6.63,68), ou, mediante mera inércia, permanecer-se (JO 3.36 e 12.46) no estado de morte em que todos já assim nascem (Ef 2.1-3), precisando de encontrar o Caminho. Logo, submeter-se a Bíblia ao comando de qualquer outro documento, que não ela mesma, seria amesquinhá-la, com consequências fatais e eternas a quem assim fizesse. Em contrapartida, a Bíblia ao mesmo tempo em que foi escrita em uma linguagem propositalmente amorfa (o que a faz ser sempre atual, aos mais variados povos e culturas, assim como às diferentes situações de cada pessoa), também contém ela os ensinamentos sobre cada assunto dispostos ao longo dos seus sessenta e seis livros. Isso obriga a que todo aquele que pretenda, nela, pesquisar sobre um tema, tenha que percorrer um longo e sinuoso caminho, como procurar e montar as peças de um quebra-cabeça (Sl 119.160; At 17.11). É que o Eterno pretende, por meio da Bíblia, ser “tateado”, como assim ensinou Paulo (= Sha’UL) aos atenienses (At 17.27 = Pv 25.2, NVI). E tanto isso é fato, que mesmo o grande profeta Daniel teve que encontrar, no exame do Livro Sagrado do profeta Jeremias, o cumprimento dos setenta anos do Cativo da Babilônia (Dn 9.2). Por que isso não foi,

simplesmente, a Daniy'UL revelado? Justamente porque já estava escrito, para que todos que tivessem fé, por meio dela, Escritura, fossem “tatear o Eterno”! Por outro lado, dúvidas não restam de que a Bíblia não foi ditada, mas sim inspirada (2Pe 1.21). E toda profecia ao sair do Único Perfeito e passar pelo profeta imperfeito (1CO 14.29; Hb 1.1), sofria as consequências da cultura, “do conhecimento” do profeta, de que nos fala 1CO 13.9,10. Diferentemente é que não poderia ter-se dado, pois nenhuma mente seria capaz de captar as grandiosidades da Mente do Eterno (Is 55.8,9). E como ela, Bíblia, era destinada aos homens, ela tinha que passar, necessariamente, por esse crivo prévio, e, assim, ser escrita por homens (1Pe 1.10-12), naquilo que tais homens captassem da inspiração Perfeita; ou seja, a inspiração divina necessitava de ser rebaixada, esvaziada (gr. *kenosis*; Fp 2.5-11), reduzida à linguagem antropomórfica, para, só assim, poder ser alcançada pelos seus destinatários: nós, meros homens! Daí porque a homens diferentes, com culturas díspares, foram revelados, pedaço a pedaço, o conteúdo de cada assunto na Bíblia tratado. É partindo-se dessas e várias outras premissas firmes, que, “tateando”, realizou-se a pesquisa sobre o Livro Sagrado de Jó.

Palavras-chave: Jó. Acaso. Iaorrú. Iaorruchua. Yahu. Jesus. Deus. Baal. Belial. Bel.

“Por que Existem o Mal e o Sofrimento Humano?”

Se eu conversasse com Deus/ Iria lhe perguntar:/ Por que é que sofremos tanto/ Quando se chega pra cá? / Perguntaria também/ Como é que Ele é feito/ Que não dorme, que não come/ E assim vive satisfeito. / Por que é que Ele não fez / A gente do mesmo jeito? Por que existem uns felizes/ E outros que sofrem tanto? / Nascemos do mesmo jeito, / Vivemos no mesmo canto. / **Quem foi temperar o choro, / E acabou salgando o pranto?**” - Cordel do paraibano **Leandro Gomes de Barros** (1865-1918); patrono da cadeira número um da Academia Brasileira de Literatura de Cordel. A correta leitura do Livro de Jó responde à indagação acima, assim como ao Sl 73 (Jr 17.10; Os 4.6) → Gn 50.20; Jó 42.2-6; Is 38.17; Rm 8.28; Fp 1.12-19 e 3.7,8; Hb 12.8-11; 1Pe 1.6,7. “... mas Israel [= Yaoshor'UL ↔ Yishra'EL -procure o significado do nome SaUL] não tem conhecimento, o meu povo não entende (...). Desde a planta do pé até à cabeça não há nele coisa sã, senão feridas, e inchaços, e chagas podres, não espremidas, nem ligadas (...) A vossa terra está assolada, e as vossas cidades abrasadas pelo fogo; a vossa região, os estranhos a devoram em vossa presença; e está devastada...” (Is 1.3-7; 2Cr 7.14).

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 METODOLOGIA.....</b>	<b>125</b>
<b>3 “JEOVÁ” E “JESUS”: GRAFIAS E SONS IMPOSSÍVEIS NO HEBRAICO E NO GREGO BÍBLICOS, ASSIM COMO NO LATIM DE ESCRITURAÇÃO DA VULGATA.....</b>	<b>131</b>
<b>3.1 O som “gê”/“jê” introduzido na língua portuguesa.....</b>	<b>132</b>
<b>3.2 O som “gê”/“jê” na língua latina.....</b>	<b>133</b>
<b>3.3 O som “gê”/“jê” na língua grega.....</b>	<b>133</b>
<b>3.4 O som “gê”/“jê” na língua hebraica.....</b>	<b>134</b>
<b>4 A BÍBLIA TEM FORÇAS PRÓPRIAS PARA MOSTRAR QUE O NT NÃO FOI ESCRITO EM GREGO.....</b>	<b>139</b>
<b>5 A NOMINAÇÃO DO ETERNO E DO SEU FILHO, COMO NOS ORIGINAIS GRAFADOS E AQUI USADO.....</b>	<b>186</b>
<b>6 O NOME (YAOHUBAB ↔ YAOBAB ↔ YABAB ↔ YOBAB ↔ JOBAB ↔ JOB ↔ JÓ), A ÉPOCA E A POSIÇÃO SOCIAL.....</b>	<b>291</b>
<b>7 DURAÇÃO DAS AFLIÇÕES DE JOB E CONSEQUÊNCIAS DE UMA ERRÔNEA INTERPRETAÇÃO DO LIVRO.....</b>	<b>311</b>
<b>8 JÓ: UM PERSONAGEM REAL, DO QUAL RESULTOU UM LIVRO SAGRADO, ESCRITO EM ORDEM NÃO CRONOLÓGICA DOS ACONTECIMENTOS REAIS.....</b>	<b>334</b>

<b>9 JÓ, A EXISTÊNCIA DE CAUSALIDADE PARA TODO MAL E O DEUS QUE JÓ INICIALMENTE CONHECIA, SERVIA E SACRIFICAVA (BAAL), QUANDO AINDA NÃO CONHECIA O ETERNO (יהוה OU יהוה? [YHWH] = YAOHÚ), O ÚNICO.....</b>	<b>342</b>
<b>10 JÓ CONFUNDIA BAAL COM YAOHÚ, O ÚNICO E VERDADEIRO.....</b>	<b>355</b>
<b>11 JÓ E OS ABSURDOS BÍBLICOS, A QUE UMA LEITURA RÁPIDA DOS DOIS PRIMEIROS CAPÍTULOS DE TAL LIVRO SAGRADO, COSTUMA LEVAR OS LEITORES. 376</b>	
<b>12 “ÍNTEGRO, RETO, TEMENTE A DEUS E QUE SE DESVIA DO MAL”. POR QUÊ?.....</b>	<b>418</b>
<b>13 A EXPOSIÇÃO DA ALMA DE JÓ FEITA POR ELE PRÓPRIO E SEUS TRÊS AMIGOS.....</b>	<b>461</b>
<b>14 ELIÚ, O MAIS JOVEM, E DEPOIS O PRÓPRIO ETERNO YAOHÚ, FALAM COM JOB.....</b>	<b>489</b>
<b>15 A QUESTÃO DO ACASO QUE ALGUNS IDENTIFICAM NO DRAMA DE JÓ.....</b>	<b>513</b>
<b>16 CONCLUSÃO.....</b>	<b>564</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>590</b>
<b>FIGURAS ILUSTRATIVAS .....</b>	<b>607</b>
<b>ABREVIACÕES E SÍMBOLOS MAIS USADOS .....</b>	<b>609</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa fazer uma pesquisa alusiva ao Livro Sagrado de Jó, sob uma leitura feita com os olhos voltados aos divinos atributos, ao caráter do Eterno.

Lembramos que cristão algum duvida da Bíblia, e esta afirma que o escritor por meio de pesquisa, como foram os casos inegáveis de Daniel (Dn 9.2,3) e de Lucas (LC 1.1-4; At 1.1,2), nem por isso está alijado da possibilidade da inspiração divina (2Pe 1.19-21).

Para tanto se pretende pesquisar, primeiramente, o nome completo do personagem central desse livro, que vem abreviado de formas diversas, sendo que a mais conhecida, no Brasil, é "Jó". E, em paralelo ao seu nome, pretende-se pesquisar outros elementos circunstanciais que gravitam sobre tal personagem bíblico (parentesco, época e local em que viveu, posição social, verdadeira crença religiosa inicial e sua evolução, etc.).

Ocorre que o nome que conhecemos pelo apelido de "Jó" está diretamente ligado ao Nome pessoal do Eterno, como, aliás, assim ocorre com diversos personagens bíblicos, cujos nomes foram todos mudados durante as traduções, questão essa que é indiscutível, pois tais nomes, de forma correta, ainda podem ser verificados não só nos "originais" (cópias mais antigas dos autógrafos, ainda disponíveis), como em todos os dicionários e enciclopédias bíblicas, e até em algumas traduções bíblicas.

Isso nos obriga a, previamente, incursionarmos sobre o Nome do Criador Eterno, e por alguns dos diversos títulos que a Ele sempre foram

e são atribuídos, como se nomes próprios fossem, e, na prática, acabou-se por se ter tais títulos como se nomes fossem do Onipotente, ao mesmo tempo em que o verdadeiro Nome próprio (Yaohú) foi abandonado, por um conjunto de razões as mais diversas, de povos variados.

E assim como ocorreu com o Nome do Onipotente, trocado por apelidos, o mesmo, e por razões semelhantes, correu com Yaohubab (Jó).

Em razão da doutrina ser por demais divergente e muito pouco afeta ao tema, em sua profundidade, as fontes mais confiáveis, até porque primárias, são, realmente, a Bíblia, em suas cópias mais antigas<sup>1</sup> e traduções divergentes, que devem ser confrontadas, criticamente (Jr 8.8).

No curso dessa pesquisa tentaremos, usando a Bíblia como régua de si e de todos, responder, para só assim tentarmos acabar com uma das mais antigas e uniformes antinomias constatadas na prática diária de quase todos os cristãos: se a Bíblia é, realmente, como nós cristãos proclamamos, um conjunto de Livros Sagrados, todos produtos de inspiração única do Espírito Santo, como pode então, em quase todos os assuntos tratados em seus livros, encontrarmos conclusões divergentes (ou aparentemente conflitantes; LC 2.34,35–Dt 30.15,19–Ap 19.13), para os mesmos temas?!<sup>2</sup> Isso tem levado a que os cristãos se dividam (At 17.11; Pv 23.7; Ap 2.12), onde uns preferem um conjunto de afirmações (2CO 13.8; JO 17.17), em detrimento de outro conjunto (JO 14.6; 2CO 1.17-20) que parece apontar no sentido oposto (Sl 119.160, As21, TEB, KJA, NVI), como se a coexistência de duas verdades fosse factível!

Esta realidade desde os primórdios divide o povo cristão, sendo um dos principais fatores para estripar a ganância e/ou vaidade de homens que multiplicam templos e “denominações”.

Sendo inquestionável que uma casa composta de pessoas divididas<sup>3</sup> é autofágica e insubsistente em si, o que dizermos, então, de pessoas divididas, internamente, em si, endogenamente?

Enquanto em cada assunto bíblicamente tratado os cristãos tiverem que escolher o conjunto de versículos que apontam em um sentido, e desprezarem outro conjunto, como poderão crer na Bíblia, de forma íntima e real? Veja o vídeo “10 motivos para crer na Bíblia” (E. Savioli).

Pessoas que não tiverem total e inarredável interior certeza sobre o UL (UL’hiym ↔ UL) da Bíblia, e, em seguida, idêntica concretude de fé da inspiração da própria Bíblia pelo Espírito Santo, serão sempre inconstantes como as ondas do mar.<sup>4</sup>

Mas como encontrarmos, então, um padrão definido e uniformizador de leitura dos diversos Livros da Bíblia, para alimentarmos nossa fé de forma segura?

Sem um padrão firme e íntimo, de interpretação de cada um dos diversos assuntos tratados na Bíblia, os cristãos continuarão não só a se dividirem, como também permanecerão intimamente inconstantes como as dobradiças. As divisões externas retratam as divisões íntimas de cada qual.<sup>5</sup> Mas como? Onde há tal padrão harmonizador da leitura bíblica?

A doutrina, ao longo dos milênios, foi incapaz de indicar tal Caminho<sup>6</sup>. Prova disso é não só a realidade vivenciada pelos

séculos, no meio cristão, como também que a própria doutrina tem se apresentado como “uma casa dividida”. E, pior ainda, por saber-se, internamente, insegura e “casa dividida”, é que cada doutrinador, em cada tema, assume um grupo de versículos para com ele trabalhar, abandonando o grupo de versículos que aponta em sentido oposto, como se estes outros fossem componentes de outra e divergente Bíblia, e não, igualmente, do Espírito.

Logo, os questionamentos que nascem na Bíblia devem ser buscados é na própria Palavra da Verdade, antes e mais que na doutrina. Há que se confrontar a Bíblia consigo, e deixar que ela mesma responda sobre si, como padrão dela que ela é, e mais nada e ninguém!

Circunscrevendo tal anseio de pesquisa ao caso concreto do Livro de Jó, torna-se essencial buscarmos respostas na própria Bíblia; primeiramente sobre o seu Autor em geral (da Bíblia; o Eterno), antes mesmo de buscarmos conhecimento sobre o personagem frontal, do drama narrado no Livro de Jó: o próprio Jó (= Yaohubab ↔ Jobab ↔ Jó).

Mas, assim como para se chegar ao verdadeiro nome do apelidado de Jó, há que se passar pelo Nome pessoal do Eterno (como aqui demonstramos na nota 95), sem um real conhecimento, ainda que mínimo, sobre o seu Autor, é impossível conhecer-se a Bíblia. Em contrapartida, quando conhecemos o Autor das Escrituras, e aplicamos tal conhecimento à leitura da própria Bíblia, as divergências aparentes da Bíblia acabam, pois encontram respostas no caráter do seu Autor.

Mas quando afirmamos que para conhecermos a Bíblia, mister, antes, conhecermos o caráter do seu Autor, não caímos em um círculo vicioso? É possível alguém conhecer o Eterno, senão Ele próprio? Se Satã e os anjos a Ele conhecessem não teriam tentado o quanto fizeram.<sup>7</sup>

A Bíblia, como Contrato<sup>8</sup> que é, firmado entre o Imutável e os mutáveis homens, limita, aos seus precisos termos, a tudo e a todos, inclusive limita os homens e os anjos, a ponto de, por tal Contrato, o próprio Ilimitado, o Único Infinito, autolimitar-se<sup>9</sup>, para, nos termos do Contrato, poder dar-se a conhecer pelos homens,<sup>10</sup> no quanto necessário e indispensável a que os limitados e finitos homens possam ter de conhecimento do Ilimitado e Infinito, e só assim se chegarem a Ele.<sup>11</sup>

Como nada existe que não tenha tido, ainda que remotamente, mesmo que sob outra forma e/ou conteúdo<sup>12</sup>, origem no Perfeito Criador de tudo (Is 45.7), é empiricamente constatável que tudo e todos, por mais discrepantes que possam se apresentar quando confrontados, têm, ainda assim, alguma, ainda que mínima entre as mínimas, partícula de congruência entre si. Isso vale para o confronto de coisas com coisas, pessoas com pessoas e coisas com pessoas. O átomo<sup>13</sup> que o diga!

Em assim sendo, também é hermeneuticamente demonstrável e ensinado que seres divergentes só conseguem iniciar um possível diálogo, sobre suas divergências, a partir do quanto de minimamente convergente tiverem. Só é possível se tentar uma convergência, sobre divergências, buscando-se e partindo-se de convergências previamente constatáveis. Eis a razão de que, para se buscar a única e correta leitura, de todo e qualquer Texto Sagrado, mister se faz antes saber o mínimo nos

delegado pelo Contrato (quer propositiva, quer apofaticamente), sobre o caráter do Autor das Escrituras, e, o quanto nisso coincidimos.

Conhecendo o quanto possível nos foi disponibilizado sobre o caráter do Autor do Contrato, e o quanto possuímos em comum sobre tal conhecimento, só então daí partindo poderemos tentar pesquisar a correta leitura que devemos fazer sobre o Contrato escrito por/para homens imperfeitos, sob a inspiração do único perfeito, o Espírito Santo<sup>14</sup>.

Assim, propositivamente, as Escrituras nos revelam um Autor: Onisciente<sup>15</sup>; Onipresente<sup>16</sup>; Onipotente<sup>17</sup>; Santidade<sup>18</sup> e Amor<sup>19</sup>. Em contrapartida, apofaticamente, as mesmas Escrituras nos garante que ao Eterno é impossível qualquer forma de mal moral.<sup>20</sup> É, portanto, sob tais atributos, afirmativos e negativos, componentes do Caráter do Reto, que o Contrato reclama leitura!

Inúmeros outros atributos podem ser pinçados na Bíblia, e alguns assim fazem, havendo quem chegue a apontar mais de duas dezenas de atributos divinos na Bíblia (comunicáveis ou não). Mas todos os demais se perfazem dentro destes cinco acima ventilados.

Por exemplo: o atributo por muitos brandido, da Imutabilidade do Eterno, na verdade não é um atributo, mas um subatributo, ou seja, um corolário, uma decorrência direta da sua Onisciência e da sua Onipresença. Quem absolutamente tudo “desde sempre” soube sobre tudo, não terá como e nem porquê mudar. O mesmo ocorre com Quem sempre está, concomitantemente, em todo lugar, pois ao mesmo tempo em que já está quando da promessa, também já está quando ocorreria a mudança, e, portanto, não haveria razão para prometer e depois mudar. O

Onipresente nunca vai, nem nunca vem; Ele sempre está! Inclusive no que nós chamamos de “passado” e de “futuro”: Aquele que é, ao mesmo tempo, O Princípio e também O Fim, o Eterno Eu Sou, a um só tempo “abraça” e “preenche” quer o universo, quer qualquer possível metaverso, já que alguns, como o falecido Stephen W. Hawking, falam em multiversos, em universos paralelos (vá à nota de final de capítulo 322, 329)!

Outros ressaltam a Eternidade, bíblicamente mencionada, como sendo outro dos atributos, ínsitos ao caráter do Eterno. Mas a Eternidade é corolário da Onipresença divina. Também apontam a Bondade. Mas esta é decorrência “menor” do seu Amor.

É respeitando o caráter do Criador, o qual nos é dado a conhecer a partir dos seus atributos revelados pelas Escrituras (o Contrato, *berith, suntheke*), que devemos conhecer o seu Contrato, o que inclui Jó. É a busca da Verdade (Dt 32.4, JO 14.6,17), **pela** Verdade (JO 17.17 - 2CO 13.8).

Sempre que a leitura imediatista da mera letra<sup>21</sup>, desnaturar o Autor do Contrato, por voltar-se contra os seus atributos intrínsecos, a letra deverá ser reavaliada, sobrepondo-se, a ela, a Palavra<sup>22</sup>; a noção da letra imediatista será falsa!

Forte em tais noções prévias, devemos nos perguntar, e assim pesquisar e tentar responder, sempre tendo a Bíblia como régua de si:

1) É possível o Único Imutável dar, arrepender-se e tomar de volta, enganando, assim, a quem antes recebera a doação agora

frustrada?<sup>23</sup> Biblicamente, tal forma de agir retrata o caráter de quem? (Jó 1.21 – Gn 3.13; Sl 15.4; Rm 1.31 e 11.29; Ap 12.9).

2) Fala com uma mínima noção do que seja ser ONISCIENTE, os se dizentes cristãos, mas que admitem que Yaohú possa se arrepender<sup>24</sup>, ou ser surpreendido?!<sup>25</sup>

3) Pode conhecer o Imutável, os que dizem que o Eterno alterna as práticas do bem e do mal, sendo, portanto, inconstante e gerando insegurança nos que nele creem?!<sup>26</sup> (Jó 2.10 X MI 3.6; Rm 11.29; Tg 1.17).

4) Têm alguma noção do todo bíblico<sup>27</sup>, os que afirmam que o Único Santo dos Santos<sup>28</sup> duela ou bate-papo com Satanás<sup>29</sup>?! Isto não nega os atributos da Onipotência e da Santidade? Isso não desnatura e infama o divino caráter? (Jó 8.20 e 13.16; Sl 5.4; HC 1.13; JO 9.31).

5) Quem confessa o Eterno e proclama os atributos a Ele intrínsecos, mas que quer quando da leitura do Contrato, quer quando da prática do dia a dia, nega a efetividade desses mesmos atributos, pode ter firme no seu coração este mesmo Pai Eterno e o caráter que a Ele são inerentes?<sup>30</sup>

Finalmente, a questão do “Acaso”<sup>31</sup>, é igualmente pesquisada, em razão de alguns, talvez de forma pouco atenta e superficial, afirmarem que Jó foi vítima do acaso, com o que, *a priori*, concordamos, mas pesquisaremos se isso não ocorre somente quando o vocábulo “Acaso” é usado como substantivo próprio (Satanás), jamais quando o vocábulo é usado como advérbio. O todo bíblico garante que “do nada, nada surge”<sup>32</sup>. Impossível consequência sem causa! (1ª Lei da termodinâmica; Pv 26.2).

<sup>1</sup>De uma série de erros cometidos por aqueles que, ao longo da história, não tentaram harmonizar os paradoxos escriturísticos, erros que são elencados por Franklin Ferreira e Alan Myatt (Teologia Sistemática, Vida Nova, 2007), destacamos, para a introdução dessa pesquisa, dois erros por eles apontados nos diversos tipos de operadores da Bíblia:

**1)** *«Esquecer-se de que a Bíblia é um livro humano, com características humanas (...) a Bíblia não foi verbalmente ditada. Seus escritores não foram secretários do Espírito Santo. Foram autores humanos, que empregaram estilos literários próprios, com suas próprias idiossincrasias...»* (p. 148). Veja o vídeo “O segredo dos salmos”, do prof. Rodrigo Silva. E em palavras quase idênticas as de Ferreira/Myatt, diz-nos o trio de autores do Dicionário Bíblico Wycliffe (PFEIFFER; VOS; REA. CPAD, 2007, p. 975, sob o verbete “INSPIRAÇÃO”), também repudiando a chamada de “Teoria do Ditado Mecânico”. De notar-se que os teólogos dicotomistas, que são maioria (calvinistas, luteranos, testemunhas de Jeová, adventistas do sétimo dia, etc.), só conseguem defender a dicotomia, negando a abundância da tricotomia expressa na Bíblia (Jó 7.11; Is 42.5, ARA, BV e 57.16, AA, VC; LC 1.46,47; 1Ts 5.23; Hb 4.12 – aqui a Palavra diz que alma e espírito são componentes não só distintos, como, inclusive, separáveis, etc., etc.). Veja o vídeo “Corpo, alma e espírito - #14”, do tricotomista prof. Moisés Brasil. E para se sobrepor aos Textos sagrados, os dicotomistas o fazem, justamente, ao fundamento de que a Bíblia não usa de uma linguagem precisa e unívoca, mas sim de um linguajar coloquial, não só próprio do tempo e local, mas de acordo com o escritor humano de cada Livro inspirado (ir à nota 14, 147, 293 – veja, nesse sentido, o vídeo “Qual a diferença entre corpo, alma e espírito?/Rev. Hernandes Dias Lopes / Trocando ideias”, onde esse teólogo dicotomista / monergista / calvinista afirma que todos os reformados são dicotômicos; e os adventistas também). Veja ainda o vídeo “Hernandes Dias Lopes explica o que acontece após a morte” (onde ele vai dizer, antibíblicamente, que alma = espírito, Hb 4.12, mas vai dizer, com acerto bíblico, que os adventistas estão errados, ao dizerem que com a morte se entra em um estado de inconsciência total); só quem está com consciência pode ser “consolidado” e “torturado” (LC 16.25); só “vidas” conscientes podem clamar por justiça, Ap 6.9,10. Assim, toda a bagagem geopsicossociocultural do homem influenciou no quanto “Está escrito!” Exemplo nesse sentido, dentre muitos, é o afirmar do dicotomista / calvinista / monergista Augustus Nicodemus, no vídeo “A salvação é da alma ou do espírito?” (diz que alma=espírito – confronte tais afirmativas do Augustus Nicodemus com o próprio afirmar dele, nesse outro vídeo: “Cuidado! Se afaste das heresias e dos falsos ensinos” – nesse último vídeo Nicodemus diz o que, no entender dele, leva um líder a se afastar da doutrina expressa na Bíblia) – veja os vídeos, contrapostos, “Saiba o que é calvinismo e arminianismo com Hernandes Dias Lopes e Vilela” X “Calvinismo um tumor maligno no corpo de Cristo!”. Confronte as afirmativas desse vídeo, com as desse outro vídeo: “Qual a diferença entre alma e espírito? - #canalguardeiafe” (diz que alma≠espírito). Da mesma forma, agora até os tricotomistas chegam à mesma conclusão dos dicotomistas (qual seja: a Bíblia não foi ditada, sendo produto da inspiração divina a humanos, cada qual com suas peculiaridades), quando, p.e., analisam o vocábulo “vinho” ≠ “bebida forte” (Lv 10.9; Nm 6.3 e 15.5; Dt 14.26; leia 1Sm 1.15). Vejam este Texto: “*se acha vinho num cacho de uvas*” (?; Is 65.8, ARA = KJV, 1611). Paulo (Sha’UL), na mesma Carta, usa o vocábulo “vinho” com dois

sentidos opostos e paradoxais, ora se referindo ao suco de uva (vinho em sentido impróprio, sem fermentação = suco de uva; mosto; Strong, 08492 תירוש *tiyrowsh* ou תירש *tiyrosch*), ora esse já após fermentado (Noé, Gn 9.21; ver a nota 186), quando a palavra “vinho” tem sentido próprio (1Tm 3.3 X 1Tm 5.23; Pv 23.30; Ef 5.18) – alguns doutos afirmam que as águas não eram tratadas, e, para matar micróbios das águas, essas eram misturadas com 10% de vinho (em toda a Bíblia o mal é sustentado, Hb 1.3, tolerado, pois cabe a ele mesmo a destruição do mal, Ex 7.12,22; 1Sm 17.45-47,51); daí o Eterno afirmar que vinho (vinho em sentido próprio; após fermentado) puro (sem estar misturado com 90% de água) era forma de castigo imposto aos ímpios (Ap 14.10 [“vinho da ira de Deus”; “no cálice da sua ira”]; Ap 16.1-21); ou seja: com o vinho vem “a ira”, e “a ira” é Satanás (2Sm 24.1 c/c 1Cr 21.1; Ef 2.3 c/c Ef 4.26,27; Lm 2.3) - sobre o tema, a “Bíblia de Estudo Pentecostal” apresenta exaustivos estudos quer sob Nm 6.3, quer sob LC 7.33,34 e sob JO 2.11. Sobre Baco (de onde derivaram “bacante”; “bacanal”), “o dobo do vinho”, falamos no final da nota 82. Era o hábito de chamar-se a uma plantação de videiras (= parreiras, vides) de “vinha” (Gn 9.20; Is 5.1,2; Is 27.2; Jr 2.21; Mt 20.1; LC 13.6; JO 15.1; Ap 14.19), e todo produto originário da “vinha” era “vinho” (ou mosto), Mt 20.1-16; Is 27.2; Is 65.4; Am 9.14 (ou seja: vinho em sentido impróprio); diferente é o vinho em sentido próprio, após fermentado (Nm 6.3), até porque, o fermento é sempre condenado na bíblia (Ex 12.15,19; Mt 13.33; Mt 16.6,11,12). Sobre a polêmica eterna, entre dicotomia ou tricotomia, falamos na nota 50. Também arminianos e calvinistas, dicotomistas e tricotomistas, sabbatistas e dominicalistas se unem, sempre que precisam flexibilizar os dizeres de algum Texto Sagrado, para amoldá-lo às suas convicções denominacionais, sob “o fundamento” de que na escrituração da Bíblia não houve o “ditado mecânico”, imposto pelo Espírito Santo aos escritores bíblicos. Veja-se, nesse sentido, entre muitos, o respeitado prof. Rodrigo Silva, no vídeo “O livre-arbítrio é bíblico?”, afirmando que Paulo (Sha’UL) sendo judaíta, e como tal pensando, escreveu, contudo, em grego as suas ideias judaicas, o que leva à necessidade de “acomodação” de algumas afirmações do chamado de Novo (!) Testamento (LC 16.17 X LC 22.20; JO 13.34 X Mt 5.17,18,22; LC 16.17; Hb 13.8; 1JO 2.7,8; 2JO5). Questão interessante é a compatibilização dos institutos do livre-arbítrio e da oração intercessória, pois a Bíblia agasalha a ambos os institutos, e, em momento algum, a oração intercessória anula a faculdade do livre-arbítrio daquele a quem ela é direcionada – veja o vídeo “Como entender a oração intercessória em relação ao livre arbítrio?”, Tg 5.16 – devido a manutenção do livre-arbítrio (Gn 4.7; At 14.16), o Espírito Santo pode, apenas, influenciar para um possível arrependimento ou não (Mt 3.8; Rm 2.4; 2CO 2.14-16; 2Pe 3.9); a soberania do Espírito Santo é autolimitada (Ap 3.20) – veja o vídeo “Eu estou mentindo sobre o Livre Arbítrio?”, do Pr. Martinez. É importante notar-se o valor da inspiração divina, a qual se destaca, justamente, ao dar poder das próprias escrituras se autointerpretarem (Sl 119.160; At 17.11; 2CO 13.8), fazendo com que, no seu todo, elas sempre apontem a interpretação correta a ser dada em cada tema, ao ponto do todo se sobrepor aos erros tanto do escritor humano usado na sua escrituração (Hb 1.1), quanto sobrepujando-se aos erros das centenas de profetas e tradutores sobrepostos uns aos outros, ao longo dos séculos (1CO 13.8-10; Jr 8.8 e 31.34; 2CO 13.8; JO 16.23; Hb 8.10 e

10.16; 1JO 3.2). Veja o vídeo “2467 Por que precisamos nos livrar do entulho para compreender a Bíblia?”, do Mário Persona.

2) Ferreira e Myatt, apontam, ainda como erro de vários teólogos: «*Esquecer-se de que somente o texto original é isento de erros, e não qualquer cópia das Escrituras*», p. 150. Frisamos que as aparentes contradições bíblicas costumam representar, em verdade, afirmações paradoxais, e não autênticas contradições. E mais: a manutenção das aparentes contradições é prova objetiva de que a Bíblia foi preservada e não manipulada, pois, senão, até mesmo as aparências de contradição teriam sido buriladas – veja o vídeo “Porque eu creio na Bíblia”, Rodrigo Silva. Ou seja: via de regra, as aparentes contradições bíblicas são oximoros (= paradoxismos) que espelham as duas faces de uma mesma moeda (Mt 10.39 e 16.25; LC 6.38), em seu aspecto dual, complementar. No mais das vezes, as aparentes contradições representam a intercomplementaridade dos extremos, dentro do tema em foco. É como disse o físico Niels Bohr (Nobel de Física de 1922), referindo-se ele ao que os filósofos chamam de “complemento por oposição” (= paradoxo): “*O oposto de uma afirmação correta é uma afirmação falsa. Mas o paradoxo de uma profunda verdade pode ser uma outra profunda verdade*”. “Os extremos se tocam” (Lei da Polaridade, do hermetismo). “Os extremos me tocam” (André P.G. Gide, “O Imoralista”, Opera Mundi, 1970); cf. Ap 3.15,16; a “igualdade dos extremos” - veja os vídeos “Enoque morreu ou não?” e “#1186 Se os homens morrem uma vez por que Lázaro morreu duas?”, ambos do Mário Persona, ensinando sobre o tema hermenêutico em geral ora abordado; embora o caso de Enoque (Gn 5.24 = Sl 39.13; Is 57.1,2 X JO 3.13 e 16.28; At 8.39; Hb 9.27 e 11.5,13,35), em especial, tenha peculiaridades das quais mais à frente trataremos, principalmente na nota 77,194 – veja o vídeo “Enoque foi arrebatado? Gênesis 5:23-24 - O Sentido Correto” e também o vídeo “Elias foi vivo pros céus? 2 Reis 2:11 - O Sentido Correto”. Assim como ocorre com o côncavo e o convexo, a Bíblia nos fala dessa noção de *para / doxo* (“aparente oposição por complementação”). O prefixo grego “pará” tanto traz a ideia de “cerca de”, “proximidade de”, quanto o sentido oposto, de “oposição”; daí “paramédico”, “paralelo”. Já *doxa* traz a ideia de “opinião”. Sobre a “unidade dos opostos”, da qual René Descartes (1596-1650) fez nascer um gráfico (daí dito “cartesiano”, pois aponta onde os opostos se encontram, como foi o caso da cruz, +), Platão, nesse mesmo tema, esquematizou as ideias paradoxais de Parmênides e de Heráclito – veja os vídeos “Heráclito e o mundo como um eterno devir”, do Mateus Salvadori e “Heráclito de Éfeso e o devir”. E é nesse sentido paradoxal (oposição por complementariedade), que a Bíblia nos diz sobre Adão e Eva. Gn 2.18, ARC: “*far-lhe-ei uma adjutora que esteja como diante dele*”; Gn 2.18, NTLH: “*Vou fazer para ele alguém que o ajude como se fosse a sua outra metade*”. “*que esteja como diante dele*” era uma expressão hebraica (“*ezer kenegdo*”) = ajuda que vem do pólo oposto, mas que é complementar, tanto que “ajuda”; daí a exclamação de Adão em Gn 2.23). E essa expressão hebraica tinha o significado de “espelhamento”. Daí o vocábulo “heterossexual”, ou seja, atração pelo sexo oposto, e que complementa o nosso justamente porque oposto ao nosso. Ou seja, quando nos colocamos diante do espelho, surge diante de nós uma imagem que aparenta estar em sentido oposto, confrontante ao nosso, vindo contra nós, mas que assim não é (é o chamado, em lógica e matemática, de “paradoxo verídico”, dentre diversas espécies de paradoxos). Um exemplo de paradoxo

verídico de Moisés, que os apressados o têm, erroneamente, como contradição: Gn 6.6 (o Eterno se arrependeu) X Nm 23.19 (ao Eterno é impossível se arrepender) - síntese dos paradoxos: os “arrepentimentos” do Eterno sempre estiveram previstos no seu Plano Eterno e Imutável (Is 46.10; Jó 42.2; Dt 32.8; At 17.26); todo o agir do Eterno foi elaborado e definitivamente antes da fundação do mundo (Ec 1.9 c/c Rm 4.17 c/c Ef 2.10 c/c Fp 2.13 c/c Hb 4.3 *in fine*). Tais “arrepentimentos” representam (2Rs 20.1-11), na verdade, o arrependimento do coração dos homens, conforme a Bíblia assim explica, em autointerpretação (autêntica, portanto): Jr 18.7-10 e 26.3; Ez 18.21-24 e 33.12-19; 1Rs 21.29; 2Rs 20.1-6; Jn 3.10 e 4.11 – veja o vídeo “Deus se arrependeu?”, do prof. Rodrigo Silva. A verdade está no todo, Sl 119.160, TB, AA (veja os vídeos “Bíblia, variantes, interpolações e traduções”, Observatório 7; e “Como entender o espírito mau mandado por Deus para atormentar Saul?”, do prof. Leandro Quadros, onde se diz que cada afirmação bíblica há de ser harmonizada com tudo o mais, do mesmo assunto, encontrado na Bíblia). E o verdadeiro sentido dos grandes temas bíblicos só surge do confronto e alinhamento dos paradoxos verídicos, que abundam nas Escrituras vertidas em linguagem cartesiana (Mt 24.36 X Mt 26.34,75). Veja o vídeo “#0998 Em que parte da Bíblia devemos crer?”, do Mário Persona. Na nota 2 demonstramos como que a Palavra (Ap 19.13), como um todo (Sl 119.160), foi concebida, proposital e expressamente, como um grande paradoxo (LC 2.34,35; 2CO 2.15,16), tanto que apresentada como uma espada de dois gumes contrapostos e com funções complementares entre si (Rm 2.15,16; Ap 2.12,16 e 19.13,15,21), onde o coração de cada homem vai escolher o gume, o fio que comandará o seu destino (JO 12.47,48): bem ou mal; vida ou morte; bênção ou maldição (Dt 30.15-19; Ap 22.17). Veja o vídeo “Podemos acreditar que não houveram alterações nos textos bíblicos até hoje?”, do Leandro Quadros, onde este mostra evidências objetivas de que sim, podemos acreditar que não houve alterações nos textos bíblicos até hoje. O quanto, em “oposição complementar” uma espada (Pv 1.23; Ef 6.17) de dois gumes faz, da mesma forma, e com a mesma finalidade, é feito por uma tesoura e as suas duas “distintas” lâminas contrapostas, as quais caminham em sentidos opostos, uma contra a outra lâmina, mas é só assim que as duas lâminas cumprem uma só e mesma finalidade de cortar. Da mesma forma paradoxal que tanto o otimista quanto o pessimista são essenciais à viação, pois exercem funções opostas, mas, por isso mesmo, complementares: um criou o avião (o otimista); o outro, o paraquedas (o pessimista). Grande exemplo de paradoxo bíblico, o qual inclusive sempre gerou polêmicas de vulto entre os teólogos e as igrejas, é a intercomplementariedade existente entre as sempre antagonizadas, antibíblicamente, Lei e Graça (1CO 9.21; 1JO 3.8). Uma jamais subsistiu sem a outra, Mt 11.13; LC 24.27,44; JO 1.17,45 e 5.39,46,47 - vá à nota 190; veja o vídeo “Qual a relação entre lei e graça?”, do Hernandes Dias Lopes; veja, ainda, o vídeo “Sem lei não tem graça”, do Leandro Quadros, onde este mostra que a Lei, por retratar o Caráter moral do Eterno, preexistiu à rebelião de Satanás, Ez 28.14,15, foi ela entregue aos judaítas (יְהוּדִים [= iaorridim; YHWDYM]) mas destinada a todos os povos, Rm 3.2,9, e que a Graça sempre caminhou ao lado da Lei, Ex 20.1,2; JO 5.39, 46,47 e 14.15 e 15.10 (veja o vídeo do batista Luiz Sayão “Teologia da Lei e da Graça”). Por isso a Palavra da Verdade dizer, expressamente, que Cristo (a Graça encarnada) retratar a finalidade sempre objetivizada pela Lei (Rm 10.4), e a própria Graça esclarecer que foi

dela que Moisés tratou em toda a Lei, de modo a não haver como se crer na Lei sem crer-se na Graça (JO 5.39,45-47; cf. JO 1.17 e Mt 11.13 = LC 16.16≠ LC 16.17) – a verdade está no todo (Sl 119.160); a Bíblia é a única capaz de autointerpretar-se (2CO 13.8 c/c JO 17.17; 1JO 2.7 X 1JO 2.8)! Veja, ainda, o vídeo “Por que o Deus de Moisés era mau?”, do Mário Persona; ou o vídeo “Craig responde a Dawkins sobre o problema do mal e mais”, do William Lane Craig. A Graça (Yaohushua; Hb 10.29; ZC 12.10) está presente já na primeira palavra da Lei, como Paulo assim aponta (*Bereshit* = “a cabeça” = “o princípio” = “o primogênito de toda a criação”, Gn 1.1→JO 1.1→Cl 1.13-18→ veja o vídeo “Encontrando Jesus no gênesis”). Agostinho disse: “*O Novo Testamento está oculto no Antigo Testamento, e o Antigo Testamento está revelado no Novo Testamento*”. E israelitas autênticos, ortodoxos e estudiosos da Lei, ao conhecerem Yaohushua, logo concluíram que fora sobre ele que, muitos séculos antes, Moisés profetizara em seus livros, JO 1.41,45,47→ a Graça é o exato cumprimento da Lei, Ex 23.20,21; Dt 18.15,18,19 e 34.10; Jr 31.31-34→Mt 5.17,18 e 19.17; JO 14.21; Rm 10.4 (a Graça sempre foi a finalidade da Lei); Hb 10.1. Por isso os eruditos que comentam a Bíblia de Estudo Plenitude, em nota sob Rm 3.31, afirmam que: “*As leis morais de Deus não são abolidas pelo evangelho de Cristo. Ao invés disso, todo o plano de salvação, incluindo a obediência de Cristo à Lei por nós e a sua morte para pagar a penalidade por termos violado a Lei, mostra que os padrões morais de Deus são eternamente válidos*” – ou seja: sem lei não tem graça (Mt 5.17,18; JO 14.10,11) e sem graça não tem lei, até porque a Graça pressupõe a Lei (Lc 24.27,44; JO 1.45,47 e 5.39,45-47). Justamente em razão da Lei vigente, foi que a Graça veio para nos livrar do castigo da Lei, pois este foi cumprido em Yaohushua: “Está pago!”, JO 19.30; Is 53.4,5; 2CO 5.21. Luciano Subirá entende que a Graça vai além de remover o castigo da Lei, pois também remove o próprio pecado, além de capacitar o salvo a não mais pecar (1JO 3.6-10 e 5.18, TB, ARC-69; BCMD), aditivos esses para os quais a Lei era impotente. Vejam o vídeo “Luciano Subirá – Conferência Graça Transformadora”, onde Subirá demonstra que Graça, antes e mais que “favor imerecido” é “força capacitadora para o cumprimento da Lei” (Rm 8.2-4; 2CO 12.7-9; 1CO 15.10); bem também que não existe “Graça irresistível”, como assim afirmam os monergistas, mas, ao contrário, Graça é uma interação sinérgica indispensável, pois se a Graça não dependesse do sinérgico aceite humano, após o protagonismo divino (Ez 18.23,32; 1Tm 2.4; 1JO 2.1,2), uma série de afirmações bíblicas sobre a Graça, torna-se-iam quando não antibíblicas, no mínimo tautológicas, como por exemplo: 2CO 6.1 (diz que a graça precisa que com ela cooperemos, sinérgicamente – Strong 4903 - e a recebamos); Gl 2.21 (se a graça pudesse se impor, o receptor não poderia aniquilá-la); Gl 5.4 (como poderíamos optar por cair, de onde nos foi imposto ficar?); 2Tm 2.1 (só depende do querer de cada um se fortificar na graça); Hb 4.16 (cada um é que há de se chegar a ela, graça, logo, como dizê-la “graça irresistível”?); Hb 12.15 (o querer do homem pode privá-lo da graça); 1Pe 5.12; 2Pe 3.18 (é-nos ordenado que cresçamos na graça; logo, depende de cada um). O Salvador amou e chamou o jovem rico (MC 10.21), e, mesmo assim, o coração dele não lhe permitiu ser salvo (MC 10.23-26; Ap 3.20). Outro grande paradoxo, essencial para o conhecimento do Autor das Escrituras e Criador de tudo o mais (Gn 1.1; JO 1.1-3), é a tensão existente entre a transcendência (Jó 8.20 e 13.20; Sl 5.4; Hc 1.13; 1Tm 6.16; 1JO 1.5) e a imanência divinas (Mt 1.23; JO

14.23 e 17.21,23; 1CO 3.16,17), que foram unificadas e sintetizadas no Calvário (4ª frase pronunciada no Calvário: “*Deus meu ...*”, Mt 27.46 X 7ª e última frase: “*Pai...*”, LC 23.46). Na Bíblia, o número quatro diz com as coisas da Terra (vá à nota 143, 228), e o número sete diz com a totalidade, a universalidade; ZC 3.9 e 4.10 e Ap 5.6 (vá à nota 16). Outro grande paradoxo bíblico, até mesmo porque diretamente ligado ao Calvário, é sobre a responsabilidade deste: se a responsabilidade pelo assassinato de Yaohushua é dos homens (At 2.23,36-38 e 7.52 e 10.38,39; 1Ts 2.14,15) ou é do próprio Criador Yaohú (At 4.28; 1Pe 1.19-21; Ap 13.8). Aliás, na Bíblia, todo e qualquer homicídio/assassinato é paradoxal, havendo Textos atribuindo sua responsabilidade sempre ao Eterno (Ex 12.12,13,29; Nm 14.21-23; Dt 32.39; 1Sm 2.6; Jó 5.18,19; Is 45.7,8[≠1JO 1.5]; Os 6.1; Am 3.6), e outros Textos (Gn 15.16; Lv 26.23,42-46; 2Cr 36.21; Jr 24.6,7 e 29.10-11; Dn 9.11-13), nas mesmas hipóteses (Ex 12.23; NTLH, ICO 5.5 e 10.10; Hb 11.28; Ap 9.11), afirmando que aquelas, assim como todas as mortes (Sl 116.15; Ez 33.11; 2Tm 2.19; Ap 5.1-10) e todo e qualquer mal (JO 10.10; Pv 16.4), são exclusividade do “ministro da morte”, do “imperador da morte” (2CO 3.7-9 e 4.4; Hb 2.14) – veja o vídeo “O mal, as trevas e o pecado foram criados por Deus?”, do prof. Mário Persona, onde este, com acerto no ponto, demonstra que o Eterno não criou o mal em sentido próprio, moral; mas o Onisciente usa, se utiliza, faz uso (por mera permissão para esse atuar, acrescentamos nós) do mal, da calamidade (Jó 1.10; Pv 16.4; Lm 2.3,17; Os 8.3; 2Ts 2.10-12 – JO 10.10). Veja o vídeo “Deus jamais permite dor sem um propósito!” (ICO 10.13). O “ministro da morte”, o “imperador da morte”, o “anjo da morte” sempre está limitado pelo coração dos homens (Ex 12.13,23 NTLH; Nm 14.2,3,24,28,35-38; Sl 81.11-16; Ec 8.5; Is 48.18,19; Os 8.3), nos termos da Palavra (Is 46.3,4,7 → Ez 18.4,23,31,32). A Palavra da Verdade diz que Satanás é a própria morte, bem também que essa morre, assim como os anjos (Ap 20.10,14 e 21.4). E a Palavra garante a vida eterna a todo filho do Calvário, mesmo quando este esteja fora do Caminho (Is 35.8,9; JO 10.4,14,27 e 14.6; At 19.9,23), em desvio momentâneo, ainda que em pecado mortal para o corpo (Sl 32.6; JO 5.24 e 10.28; At 5.1-5; ICO 3.15 e 5.5,13 e 11.28-32; 1Tm 1.20; 1JO 5.14-17 – veja o vídeo “#1582 O que seria orar no Espírito?”, do Mário Persona) – sobre o Caminho mostrado por meio da escada de Jacó, vá à nota 125. E como a Palavra, Ap 19.13, é um dos termômetros reguladores da morte e de todos os acontecimentos (Mt 5.17,18; LC 16.17), é que o Eterno acaba responsabilizado por todo fato (Lm 2.3 e 3.39 → Jó 1.10), inclusive por aqueles fatos que ao Único Amor entristecem muito (Is 52.1-6 e 63.8,9; Jr 13.17 e 14.17 → Dn 9.10-13; Mt 23.35-39; LC 19.41-44), justamente porque Ele é a sua Palavra (1Sm 3.7; 2Sm 23.1; Jr 1.12 e 15.19 e 23.16; Sl 33.6 e 45.1; JO 1.1-3; Ef 6.17; 1JO 5.7; Ap 19.13). A síntese do paradoxo, em uma análise teleológica da Bíblia, é que toda morte é sempre executada por Satanás, o ladrão da vida (JO 10.10), ante permissão do Eterno (Lm 2.3,17 e 3.39; Jó 1.10; Pv 16.4). E a permissão do Eterno ocorre sempre nos precisos termos da sua Palavra (Mt 5.17,18; LC 16.17), segundo o coração de cada homem (Sl 18.24-26 e 81.11-16 e 109.17,18; 2Ts 2.10-12). Há um marco bíblico para a existência do homem: setenta anos (Sl 90.10), e tal limite será ampliado para além dos cem anos, durante o milênio (Is 65.20). Mas, tais limites podem ser reduzidos ou ampliados, segundo cada coração, de cada homem, pois assim “Está escrito” (Ex 20.12; Sl 91.16; Ef 6.2,3). No vídeo acima mencionado (“O

livre-arbítrio é bíblico?”), Rodrigo Silva explica, também, essa questão da “permissão” dada pelo Soberano. Confrontem os fundamentos de uma tese e de outra, assistindo o vídeo “Predestinação X livre-arbítrio – dupla visão – 9”, onde o grande calvinista Augustus Lopes Nicodemus (monergista) e o grande adventista Rodrigo Silva (sinergista), confrontam suas teses divergentes, onde Rodrigo Silva dá a correta leitura de Romanos 9, diz que a soberania do Eterno pode sim, ser superada pelo coração do homem (senão Ele conseguiria salvar a todos, conforme este sempre foi e é o desejo do Onipotente!; Ez 18.23,32; 1Tm 2.4; 2Pe 3.9; 1Jo 2.1,2), bem também que a grafia da Bíblia, em razão do hebraico, confunde mera “permissão” do Eterno com uma atuação ativa (fazer acontecer) pelo Eterno, Mt 19.7,8; Ap 13.15; veja ainda o vídeo “Debate teológico: Silas Malafaia vs Augustus Nicodemus sobre predestinação e eleição”. O Calvário (JO 19.28, 30 → sexta frase no Calvário; seis é o número indicativo do homem, Ap 13.18; o homem ali estava sendo resgatado, comprado por preço de sangue, Ap 5.9) diz ele, Calvário, com uma remição (extinção da dívida pelo pagamento - Hb 9.15,22; Mt 18.23-35; LC 7.40-48 - houve uma compra e um preço foi efetivamente pago: 1CO 6.20 e 7.23; 1Pe 1.18,19; Ap 5.2,9) ou, ao contrário, o Calvário diz com uma remissão (extinção da dívida pelo perdão, pela graça, pelo favor imerecido, sem pagamento da dívida - Dt 31.10; Mt 26.28; Ef 1.7 e 2.8 e 4.32)? As respostas, aparentemente antagônicas, e ambas bíblicas, refletem, complementarmente, o paradoxismo cartesiano sob o qual as Escrituras foram veritadas. Avaliando-se pelo eixo vertical (do Pai), houve o pagamento devido a Ele, e, portanto, trata-se de uma remição. Já o próprio Calvário, avaliado pelo eixo horizontal (visão dos homens resgatados graciosamente), trata-se de uma remissão (perdão; graciosidade). Em tudo nas Escrituras constatamos não o monergismo, mas sim um amoroso sinergismo que os calvinistas são incapazes de perceber – veja o vídeo “Basta crer para ser salvo? Debates da musical com Pr. Sezar Cavalcante”, onde o sinergismo fica evidente, bastando ver-se que a Palavra da Verdade diz que a santificação é indispensável para chegarmos ao Pai (Hb 12.14), e, no entanto, há unanimidade em que a santificação é um passo posterior ao passo em direção ao Calvário da salvação (Hb 10.14, salvação como ato único; santificação como um processo permanente = JO 13.8,10); ademais, o próprio inferno também crê (Mt 8.29; Tg 2.19).

A Bíblia de Dake, sob Rm 1.16, anota que: “Salvação é a palavra mais abrangente do evangelho, reunindo em si mesma todos os atos e processos redentores. Usada 119 vezes no AT. Há sete palavras gregas e hebraicas para salvação. São usadas 388 vezes e são traduzidas por 23 diferentes palavras da língua portuguesa, algumas com diversos fins, que significam salvação, livramento, saúde, ajuda, bem-estar, segurança, vitória, Salvador, defender, vingar, resgatar e preservar, salvar, livrar. “Salvação é usada para: 1 Livramento do perigo (Ex 14.30); 2 Vitória contra os inimigos (1 Sm 14); 3 Cura do corpo (At 3.6; 4.12); 4 Perdão de pecados (Lc 19.9; Rm 10.9,10; SI 38.18-22; 51.1-13; 79.9); 5 Liberdade da prisão (Fp 1.19); 6 Livramento do cativo (SI 14); 7 Livramento da ira (1 Ts 5.9)”.

A Bíblia anotada por Scofield, em sentido semelhante ao acima, também demonstra a polissemia do emprego da palavra “salvação”, nas Escrituras Sagradas, documentando que: “As palavras hebraica e grega para “salvação” dão ideia de libertação, segurança, preservação, cura e perfeição: “salvação” é a grande palavra inclusiva do Evangelho,

reunindo em si todos os atos e processos redentivos: tais como a justificação, a redenção, a graça, a propiciação, a imputação, o perdão, a santificação e a glorificação. A salvação está em três tempos: **1)** O cristão foi salvo da culpa e da penalidade do pecado (LC 7.50; 1CO 1.18; 2CO 2.15; Ef 2.5.8; 2Tm 1.9) e está seguro. **2)** O cristão está sendo salvo do hábito e do domínio do pecado (Rm 6.14; 8.2; 2CO 3.18; Gl 2.19-20; Fp 1.19; 2.12-13; 2Ts 2.13). E **3)** o cristão será salvo na volta do Senhor, de todas as fraquezas físicas que são o resultado do pecado e da maldição de Deus sobre o mundo pecador (Rm 8.18-23; 1CO 15.42-44), e colocado em total acordo com Cristo (Rm 13.11; Hb 10.36; 1Pe 1.5; 1JO 3.2)".

Assim, a antibíblica ideia de que "salvação" diz apenas com o ato único de comparecimento ao Calvário (MC 16.16; Rm 10.9), implica, tal erronia, em uma doutrina distorcida da verdade bíblica total (Sl 119.160), até porque alheada da santificação (JO 13.8-10 e 15.3), a qual é um processo contínuo e interminável da salvação da sua respectiva alma pelo espírito humano já salvo pelo Calvário (Dt 4.9,15; 1Pe 1.9,22,23), santificação essa que apenas se inicia quando já plenamente ocorrida a puntiforme salvação definitiva do espírito humano (Hb 10.14; Ez 36.25-27; 2CO 5.17; Tt 3.5).

JO 6.37: "Tudo o que o Pai me dá" = o protagonismo do Pai, mas dependente da ação complementar do coração do homem = "virá a mim"; 1Tm 2.4; Ez 18.23,32. Sinergismo constante, JO 6.45: "Portanto, todo aquele que do Pai ouviu e aprendeu" (= a iniciativa do Pai) "vem a mim" = a complementariedade indispensável do coração do homem; 1JO 2.1,2; Ez 18.32 e 33.11,12; Mt 11.28: "Vinde a mim". Sempre há que ter o atuar da mão do homem, pois foi a este que foi dado o domínio de tudo (Mt 8.2,3; MC 10.51; JO 5.6), em complemento ao protagonismo da divina Mão (Ap 3.7,20; Pv 23.26), nesses tempos em que o domínio foi deixado ao homem (Gn 1.26-28; Sl 8.5-8 e 115.16; JO 18.36; At 3.21 e 17.31). Ap 11.15: "*O reino do mundo passou a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos*". Ap 12.10: "*Então, ouvi uma grande voz no céu, que dizia: AGORA [= JO 18.36; Ap 6.9-11 etc.] é chegada a salvação, e o poder, e o reino do nosso Deus, e a autoridade do seu Cristo; porque já foi lançado fora o acusador de nossos irmãos, o qual diante do nosso Deus os acusava dia e noite*". Assim, o Calvário, pelo lado humano, horizontal, é remissão (Is 52.3 e 55.1-4; Ap 21.6 e 22.17), mas, pelo lado divino, vertical, o citado Calvário é remição (JO 19.30: "Está pago!") = "A dívida está consumada"; Hb 9.11-15; 1Pe 1.18-20). Pela sua vontade Yaohushua, no Calvário, derramou o seu sangue por todos (1Tm 2.4; 1JO 2.1,2; 2Pe 3.9); mas, por permitir (Mt 19.8) que o coração do homem resista (At 7.51; Ef 4.30) e supere a sua vontade (livre-arbítrio, Ez 18.23,32 e Ap 3.7,20), Yahú "desde sempre" soube (Is 41.4; Sl 139.16; At 15.18; Rm 4.17 e 8.29; Hb 4.3; 1Pe 1.2) que somente poucos Ele os conseguiria salvar (Is 53.6 ["todos"] X Is 53.11,12 ["muitos"]) - Veja os vídeos "#2008 Se Deus quer, por que não salva todos?", do prof. Mário Persona e "Jesus morreu por todos os homens? -#186", esse do prof. Moisés Brasil. Outro paradoxo bíblico de relevo, tanto que por séculos divide os cristãos, diz com o momento em que se dá a salvação em cada filho do Calvário: no momento em que o salvo faz uma verdadeira confissão de fé, vinda do seu coração (MC 16.16; Rm 10.9,14,17) ou a salvação definitiva e irrevogável de cada um e todos os salvos já se dera, conjuntamente, bem antes, ou seja, antes da fundação do mundo (Gn 3.21 c/c JO 10.14,27,28 e Rm 8.29 e Ef 1.3-5 e 2.6 e 2Tm 2.19

c/c 1Pe 1.2,18-20 c/c 1Jo 2.19 e Ap 5.1-10 e 13.8 e 17.8)? Veja o vídeo “Um crente pode perder o Espírito Santo?”, do Mário Persona. Novamente, a resposta depende do vetor cartesiano pelo qual, no momento, esteja-se analisando a questão: pelo eixo vertical ou pelo horizontal? Os paradoxos bíblicos são muitos e belos de lições profundas. É o caso de Yaohushua proclamar ser cumpridor de toda a Lei, nos seus mais mínimos dizeres (Mt 5.17,18; LC 16.17), e, “contraditoriamente”, tocar em leprosos (Lv 22.4 X Mt 8.4) e em esquife de mortos (LC 7.14). É que, como ele explicou e até hoje não aprendemos, todas as duras prescrições da Lei tinham, por fim, por finalidade última e perfeita (Rm 10.4 e 13.8-10), o cumprimento do Amor e não o seu oposto (Rm 8.1,2; Tg 2.8); daí os sequenciais “Eu, *porém*, vos digo...” (Mt 5.17,18,22,28...). Assim, com todas as prescrições restritivas da dura Lei (Ex 30.21; Lv 21.1-3 e 13.4,5,46; Nm 5.2), com elas visava Yaohú, amorosamente, proteger o povo de coração duro (Is 46.12; Jr 5.3; Ez 3.7-9 e 36.25-27; ZC 7.9-12; 2CO 3.2-8) do extermínio naqueles 40 anos de indispensável caminhada pelo deserto (Mt 4.1-11), pois, no coração do homem o Onipotente decidiu não mandar (Pv 4.23 e 23.26; Ap 3.20 – no coração está a sede da vida; quer a transitória e dobre vida almática = psíquica, quer a eterna e imutável vida do espírito); e o corpo é o reflexo do que vai no coração de cada um (Dt 12.20; Sl 107.9; Pv 13.25 e 27.20; Ec 6.7; Is 10.18; LC 12.19-21; 3JO 2). Orígenes (e depois Erasmo o acompanhou nesse afirmar) já escrevia que sobre o coração (= músculo; corpo) repousa a alma; e sobre a alma repousa o espírito (se o espírito estiver ativo, como assim ocorre somente no salvo, o espírito dominará a alma e essa sempre comanda o corpo; se o espírito estiver morto, como assim todos os descendentes de Adão nascem, a alma atuará livremente, sem freios inibitórios, sobre o corpo). Assim, como o coração do povo era contaminado pelo mal, esse mal do coração atrairia o mal externo e contaminaria o corpo do povo e este seria extinto naquele deserto. “*Quem deve enfrentar monstros deve permanecer atento para não se tornar também um monstro. Se olhares demasiado tempo dentro de um abismo, o abismo acabará por olhar dentro de ti*” (NIETZSCHE, W.F. Além do bem e do mal, 2001, nº 146, p. 89). Por isso a série de Leis sanitárias e indispensáveis – por isso tais questões proibitivas apresentadas ao homem, e vistas pelo eixo horizontal, “das incógnitas”. Yaohú é o único que pode ter contato com o mal sem se contaminar com nada (Gn 3.3,22). Essa a razão pela qual Yaohushua era o único que ao tocar no mal, ao invés de se contaminar, ele “contaminava o mal com o bem”, exterminando, assim (2Rs 13.21), o mal com o seu toque de Amor (MC 7.33 e 8.23; JO 9.6) – a mesma questão, mas agora vista pelo eixo vertical. E a semente divina (LC 1.35) purificou a semente carnal (Jr 31.22 c/c Hb 10.5), vinda de Maria, At 2.27,31 e 13.34-38; Gl 4.4 – vá à nota 108, onde se afirma que o nosso Salvador não foi um híbrido (Gn 6.1-6). No vídeo “#1237 O que você fará se alguém pedir para ser curado?”, Mário Persona diz, dentre diversas outras coisas, que Yaohushua curava a todos, de toda e qualquer enfermidade, porque, no entender dele (Persona), o Salvador “sugava”, transferia a doença do doente para o corpo dele, e a doença, ao bater no corpo do Salvador, era aniquilada (no mesmo tema, do próprio Persona, há, ainda, o vídeo “A oração de Tiago 5 serve para qualquer enfermidade?”), Tg 5.14-20. Notar-se que até o Calvário (onde Yaohushua recebeu todos os nossos pecados) não há notícia de que ele tenha padecido de qualquer doença. E é antibíblico os que justificam suas doenças com o dizer que sem essas o Pai Eterno não

teria como recolher os seus filhos à glória. Moisés, aos 120 anos (foi o homem dos limites, Gn 6.3), e com saúde perfeita, foi avisado que subisse ao Monte Nebo, para ali morrer e ser recolhido, com saúde perfeita (Dt 32,49,50 e 34.7). E por isso só Yaohushua podia ter contato com tudo e todos, sem que seu coração se contaminasse e o seu corpo padecesse como reflexo do seu coração, da sua alma (3JO 2) – veja o vídeo “As doenças que aparecem no corpo vêm da alma enferma”. Nesse ponto, sobre os fluxos energéticos emanados da alma de cada um (Lv 15; Dt 23.13; Ez 44.18 c/c Gn 3.19), vá à nota 5, 32, 50, 61, 225 - [aqui, nesta última nota, tratamos da questão do “Pó”, Gn 3.14,19; assim como na nota 283, ao falarmos do “pó” vindo com as sandálias dos pés de Moisés, Ex 3.5]; também nas notas 232 e 294, onde explicamos sobre os fluxos energéticos e contaminantes do universo, emanados dos corações (almas) dos homens. No vídeo “Qual o sentido da vida?”, Rodrigo Silva demonstra que todo homem, inconscientemente, anseia por um Deus contraditório (LC 2.34,35;2CO 2.15,16), e repete essa lição no vídeo “Qual o tamanho de Deus? – Dr. Rodrigo Silva”, dizendo que o homem anseia por um Deus transcendente para resolver todos os seus problemas, mas também de um Deus imanente que, como homem, o entenda, sofra os seus sofrimentos e o console. E a Bíblia foi divinamente inspirada (eixo vertical) a homens (eixo horizontal), para homens (LC 2.34,35). Leia Rm 1.20, que diz: *“Porque as suas coisas invisíveis (...) claramente se veem...”*; invisíveis que se veem com clareza? Que “contradição”? As criações visíveis são mais que suficientes para que, por elas, veja-se a assinatura do Criador nas criações ainda invisíveis, pois, embora a capacidade de “visualização” varie de pessoa a pessoa, até o cego de nascença “vê” (2CO 4.4; Ef 1.18, KJA; 1JO 2.11) o suficiente para ser indesculpável por rejeitar o Criador de tudo, Is 64.4 e 1CO 2.9; JO 9.39-41; Rm 2.14-16 – veja o curto e excelente vídeo do cientista Aduino Lourenço, “A assinatura de Deus na criação”. A Bíblia, em sua integralidade, também apresenta os sinais, os signos, como um ensinamento paradoxal, pois suas interpretações e conhecimento dependem, como sempre, do coração de cada homem, e daquilo que aquele coração busca com o sinal desejado (Mt 12.39,40 e 16.1-12). Até porque, por mais evidente que o signo seja, será ele “visto” e interpretado na exata medida de cada coração (vá à nota 2). Qualquer filho das trevas se arrepende dos seus erros, diante de sinais incontestáveis (Mt 11.21); mas arrependimento sensibiliza a alma e não, necessariamente, o espírito; daí que os arrependimentos podem ou não evoluir para a conversão nos arrependidos momentaneamente (At 3.19; 2CO 7.10). Assim é que muitos sempre estavam incansavelmente ávidos por sinais e conhecimento (1CO 1.22) e eram repreendidos severamente por isso (Mt 12.38-40), ao mesmo tempo em que outros corações eram vivificados pelos citados sinais não vistos pelas multidões (Mt 1.22,23; JO 9.39-41; Mt 16.1-4; Mt 27.40-45, 51-54). Por isso é que a Palavra esclarece haver sinais para os incrédulos (Ap 9.20,21 e 16.9,14,21) e outros signos para os crédulos (1CO 14.22; MC 16.17; Rm 15.18,19; 1CO 2.4), em aparente contradição bíblica. Yaohushua, ao longo do seu ministério, foi, gradativamente, diminuindo os sinais, para que os fiéis aprendessem a firmar os seus corações na Palavra (Ap 19.13), independentemente dos sinais sensíveis aos sentidos humanos (HC 3.17-19; LC 24.16,31 → Rm 10.6,7 → 2CO 5.15,16). Assim, a Palavra é a face de Yaohushua para os que nele creem, assim como a Palavra é a mente do Salvador (1CO 2.16) para os seus. E é justamente da harmonização e entendimento

---

destes paradoxos (Sl 119.160) que a correta mensagem das Escrituras surge. No ponto, é interessante notar que até o pastor Ed René Kivitz (Igreja Batista da Água Branca, Barra Funda/SP), que nega a inerrância das Escrituras que a temos em mãos, confirma ele que ideologicamente, em cada tema, em seu todo, mesmo a Bíblia que a temos em mãos é perfeita, uniforme, quando percebemos a *“harmonia da lógica interna da Bíblia”*. Nesse sentido, Kivitz documentou: *“os fundamentalistas insistem que a Bíblia é inerrante nas legislações que contém; alguns de nós entendem que ela é inerrante quando informa que a boa nova não é que a Verdade se fez Bíblia, mas que o Verbo se fez carne”* (vá à nota 11,14). Mas a mesma Bíblia também informa que a carne era a Verdade (JO 6.63 e 14.6) que se fez Palavra (Ap 19.13; 2CO 5.16; 2Pe 1.19-21) – veja o vídeo “Ed René Kivitz propõe atualizar a Bíblia e outras heresias”; e o vídeo “Jesus ofereceu seu sêmen para a mulher samaritana! Como assim Ed?” (procure assistir ao vídeo inteiro, pois a conclusão parece ser outra); o vídeo “Cartas vivas contra letras mortas”; e o vídeo “Sobre meu desligamento da Ordem dos Pastores batistas do Brasil/SP” (nesse vídeo ele reafirma que declarou que a Bíblia é insuficiente e que precisa sim, ser atualizada) – gravaram condenando alguns posicionamentos assumidos por Kivitz, dentre diversos outros de pensamentos teológicos divergentes entre si: o assembleiano Silas Malafaia (vídeo “Uma resposta à heresia! A Bíblia precisa ser atualizada?”), os presbiterianos Hernandes Dias Lopes, Leandro Lima e Augustus Nicodemus (vídeo “Precisamos atualizar a Bíblia?”), o adventista Rodrigo Silva (vídeo “Eu discordo da abordagem teológica de Ed René Kivitz”). Mas Kivitz foi apoiado em seu pensar por, dentre vários outros, o ex-presbiteriano e de há muito independente Caio Fábio (vídeos “Ed René e a atualização da Palavra no olhar” e *“JESUS - A chave hermenêutica | Para entender o que lemos nas Escrituras”*) – vá à nota 14. Em 1982 foi divulgada uma pesquisa, respondida, sob a proteção do anonimato, por quase oito mil líderes evangélicos, das mais diversas denominações espalhadas pelos USA. E as respostas dadas a tal questionário não só foram de estarrecer, como demonstraram a hipocrisia de vida de um percentual muito alto de líderes evangélicos de todas as denominações, os quais confessaram não crer na Bíblia (veja o vídeo “Jimmy Swaggart – o inferno não é brincadeira”). E em 1998, em Londres, pesquisa semelhante com 7.400 líderes evangélicos de todas as denominações, comprovou que entre 13% e 51% deles não acreditavam na ressurreição do único e suficiente salvador – confira detalhes no vídeo “Faz todo sentido acreditar na ressurreição de Jesus / Dr. Rodrigo Silva”. Alguns dos posicionamentos pastorais acima (Kivitz, Caio Fábio) se apóiam em uma verdade, qual seja, a de que tanto o AT, quanto o NT, têm suas mensagens centradas em Yahushua (e isso é verdade). Mas, e por isso mesmo, priorizando o excluído social (Mt 23.34), até porque o Salvador foi o maior de todos os excluídos (Mt 27.22,23; JO 14.30 e 18.36) deste mundo (Dt 15.11; 1Sm 2.8; At 4.34; Gl 3.28). Proteção ao estrangeiro (Dt 10.18; At 10.28), ao escravo (Lv 25.39; Dt 24.18-22; 1CO 12.13), à viúva (Ex 22.22; At 6.1; 1Tm 5.3,4), ao órfão (Dt 14.29; Tg 1.27), à prostituta (JO 8.1-11) e ao sodomita (Dt 23.18 X Js 6.17,25; Ef 6.8,9). Assim, como aqui demonstrado, por um lado a Bíblia é reiterativa em demonstrar que ela, com os seus paradoxos, não foi ditada pelo Espírito Santo, mas inspirada a homens que documentaram tal inspiração livremente, segundo as suas próprias peculiaridades (1CO 13.8-10 e 14.29 X Hb 1.1). E todos os teólogos, em algum momento, ainda que sem se darem conta,

---

acabam concordando com isso (a Bíblia foi escrita “a quatro mãos” – sinergismo do Perfeito inspirando, com o imperfeito operacionalizando; “Deus falando com sotaque humano”; a transcendência se mesclando com a imanência = Calvário). E assim concordam os teólogos em geral quando tropeçam e, em algum momento, precisam explicar passagens bíblicas aparentemente contraditórias. LC 9.50 X LC 11.23 → leia e confronte tais Textos em traduções diferentes da ARC; note que as situações eram diferentes; e ambas as respostas são harmônicas com as díspares situações momentâneas; no primeiro caso um não apóstolo realizava a obra de expulsar demônios; no segundo caso se tentava impedir que Yaohushua expulsasse demônios. Por outro lado, a inspiração bíblica é objetiva e matematicamente demonstrável - como, nas conclusões dessa pesquisa, assim faremos, confrontando afirmações do livro de Jó totalmente contrárias a todo o senso comum epocal, bem como antecipando Jó descobertas científicas só muitos e muitos séculos depois comprovadas e que inverteram o quanto até então se pensava sobre o tema; logo, a prevalência da inspiração divina é objetivamente comprovável. Como ainda, e agora paradoxalmente, há, aditivamente, estudos matemáticos (“Sequência de Letras Equidistantes”, “Código da Bíblia”, “Código de Deus”, etc.) que, por meio da análise do Pentateuco, “nos originais”, demonstram, computadorizadamente, que mesmo o humano documentar da Bíblia revela eventos codificados absolutamente impossíveis a mentes humanas, mormente antes do advento do computador. Logo, diante desse comprovar fático e novamente objetivo, a documentação humana do Pentateuco não poderia ter sido totalmente livre, mas ter tido, necessariamente, algum direcionamento sobre-humano... Inspiração do Espírito... Escrituração humana “quase livre”... Sinergismo Espírito-homem! Que conjunto de paradoxos inquestionavelmente verídicos, mas também apoditicamente inexplicável! Sobre paradoxos bíblicos, vá à nota 7, 14, 19, desde já lembrando que o maior paradoxo do universo é a “loucura” da Cruz (†) → Is 8.14; 1CO 1.23; 1Pe 2.8, suportada pelo impossível Homem-Deus (Is 55.8; JO 1.1; Ap 19.13)! No nosso livro “A Bíblia Desmente Igrejas” tratamos dos paradoxos bíblicos sob o verbete “Antinomia”. Sobre os diversos conceitos de “Igreja” e de “pastor” (Ef 4.11; Hb 11.39,40 e 12.23,24), veja o vídeo “#0783 Mulheres podem ser pastoras?”, do dispensacionalista Mário Persona (Gl 3.28; At 2.17,18 e 21.9 X 1CO 14.31,34,35; Cl 3.18; 1Tm 2.11-15). Em sentido inverso, mas também muito bem fundamentado, veja o vídeo “Por que Deus não permitiu ter sacerdotisas no antigo testamento? Rodrigo Silva, flow podcast” – nesse vídeo se chama a atenção para a literalidade de 1CO 14.34, onde está expresso que a proibição das mulheres falarem vinha de uma lei local, e não do próprio Sha’UL; e que a inexistência de sacerdotisas no AT foi porque todas as religiões pagãs tinham um misto de sacerdotisas e prostitutas cúlticas (cultuais, faziam da prostituição um culto); tais meninas eram levadas a se prostituírem por dinheiro, o qual era destinado aos templos dos seus respectivos ídolos (Dt 32.17, Sl 96.5, 1CO 8.5 e 10.19-21), e essa era a forma das meninas serem postas para servirem aos demônios nos quais acreditavam ser deuses; também se diz, nesse vídeo, que a matança dos animais, inicialmente praticada em prol dos ídolos (demônios), foi apenas também *permitida* por Yaohú, como *tolerância* e ensino evolutivo (Pv 4.18; 2Pe 1.19; 1JO 3.2), a um povo arraigado à idolatrias as mais variadas, e que precisavam de ser, gradativamente, uma a uma, abolidas dos seus corações – sobre essa questão do sacrifício de animais voltamos nas notas 107, 109 e 112.

Sobre a diferença entre demônios e anjos caídos, analisamos na nota 61 desta pesquisa – sobre isso, veja o vídeo do prof. Magno Paganelli “Demônios, espíritos imundos, anjos caídos. Que confusão! Insight bíblico#11” X “Anjos caídos e demônios!”.

<sup>2</sup> JO 1.1; Ap 19.13; LC 2.34,35;2CO 2.15,16 c/c Hb 4.12; Ap 1.16 e 2.12,16 ↔ a Espada composta de dois gumes contrapostos, um em oposição ao outro: vida e morte; bênção e maldição. Cada coração escolhe. «*O homem só se apercebe, no mundo, daquilo que em si já se encontra; mas precisa do mundo para se aperceber do que se encontra em si; para isso são, porém, necessários atividade e sofrimento*», LC 6.45; Tg 1.14 - Hugo von Hofmannsthal (*Livro dos Amigos*, Assírio & Alvim, 2002). «*Ostra feliz não faz pérola*» (Rubem Alves, 2ª ed., 2014). Da mesma forma já afirmava Platão (com sua “Teoria da reminiscência”, em *Mênon*, São Paulo: Loyola, 2001 ↔ onde Platão narra um diálogo de Sócrates com Mênon sobre a virtude, e, no meio, dialoga com o escravo iletrado de Mênon, mas desse, ainda assim, foi possível Sócrates extrair noções do Teorema de Pitágoras, que nunca fora estudado pelo escravo). E um tanto semelhantemente também afirmava Aristóteles, ainda que com fundamentos distintos de Platão; ambos tiveram suas teorias parcialmente endossadas, mas cristianizadas (expurgadas da noção de reencarnação), respectivamente, pelo platonista Agostinho e pelo aristotélico Tomás de Aquino (esse, em sua “Teoria da Iluminação”, reanalisa, critica e amplia, questão de igual nome, antes formulada por Agostinho, combatendo Tomás, de forma direta, o platonismo, e, indiretamente, combatendo Agostinho; *Suma Teológica*, 2003, na Questão 84, subdividida em seus diversos artigos). “*O que não se tem ou o que não se sabe, também a outro não se poderia dar ou ensinar*” (Agatão – O Banquete, Platão). E, recentemente, R. C. Sproul que também endossa que escolhemos segundo os modelos com os quais já os trazemos na alma ao nascermos (*Filosofia para iniciantes*, 2002, p. 39), quando Sproul, citando Platão, disse: «*As ideias fundamentais são inatas e não descobertas pela experiência. A melhor coisa que os sentidos podem fazer é despertar a consciência para o quanto ela já sabe*» (sobre “consciência” como “testemunho interior”, Rm 8.14-16, ou o espírito humano vivo dos salvos, ver Rm 9.1; 2CO 1.12; 1JO 2.20,27 – opostamente, sobre “consciência cauterizada”, 1Tm 4.2; e espírito morto, Jd 19, BPMS, NTE1624 – nesta última, na nota 876, sob Rm 7.23, se diz que ali Paulo narra da guerra travada entre a “mente do espírito” contra a “mente da alma”). Cada escolha segundo o quanto (Dt 12.20; Pv 13.25), inconscientemente (Is 10.18; LC 12.19-21), dentro da sua alma já preexistia: Jó 38.36 ↔ Jr 31.33,34 ↔ Hb 8.10 e 10.16; JO 16.23; 2CO 3.2,3; Tg 1.18,21 [≠ JO 8.37 ↔ Rm 2.15,16]; 1JO 2.20,21,27-29. “*Cada um vê no mundo o que leva em seu coração*” (Goethe); ≅ Tt 1.15. Friedrich W. Nietzsche: “*É absolutamente impossível ao sujeito pretender ver ou conhecer algo além de si mesmo*”. Daí Yaohushua demonstrar que aqueles que o combatiam assim faziam porque a verdade da salvação não conseguia adentrar na alma deles, da mesma forma que o pecado deles não conseguia adentrar nele, o único Salvador (JO 8.42-47; Jr 13.22,23); as sementes, as essências de ambos eram opostas, 1JO 3.6-10. E, semelhantemente, é porque cada escolha é feita segundo o quanto já subsistia na alma de cada um (LC 6.45), que os homens escolhem os sacerdotes e governantes que querem ouvir (1Sm 8.7,18 e 10.19 e 12.19; Os 4.6,9 e 8.3,4) e as doutrinas conforme os seus próprios corações = almas (2Tm 4.3,4; Tg 1.13,14) – logo no início da nota 7 demonstramos, bíblicamente, como que a semente espiritual de cada

homem (Ex 20.5,6) influencia não só aquilo que ele escolhe e ele atrai (JO 8.42-47; 1JO 3.9,10), como influencia, antes e mais, na funcionalidade do seu cérebro (Rm 12.2; 2CO 4.4; Ef 4.18) e dos diversos órgãos do seu corpo (Dt 12.20; Is 10.18; 3JO 2). Sobre a correlação etimológica dos vocábulos “egoísmo” e “idolatria”, pois ambos refletem o mesmo estado enfermo da alma das pessoas, vá às notas 163 e 329. Veja o vídeo “Esse vídeo é um delírio”, do prof. Átila Iamarino. González de Cardedal, Olegario (*Jesus de Nazaret*, 1993, p. 333), sobre empatia, alteridade e vida relacional, ensinou que: «*Para chegar ao ETERNO seja necessário voltar os olhos para a temporalidade; que para ir para DEUS se tenha que passar pelos homens; que para penetrar no mais interior do próprio mistério seja necessário partilhar a intimidade com um próximo humano; que para nos conhecermos a nós mesmos tenhamos que passar pelo irmão e deixar-nos trespassar por ele*». «Ser significa ser para o outro e, através dele, para si» (Mikhail Mikhailovich Bakhtin, 1895-1975, filósofo, anarquista e pensador russo - *Estética da criação verbal*. 4ª ed., 2006, p. 341). “*Não vemos as coisas como são, mas como somos*” (Michel de Montaigne). Veja o vídeo “Epigenética / a ciência das escolhas / com o Dr. Benício Pereira” – nesse vídeo, o cientista mostra como que os gens influenciam nas escolhas e nos hábitos diários, mas estes, também, à sua vez, conseguem impedir a manifestação de alguns gens, e que tais modificações resultantes do entorno, das escolhas e práticas, acabam sendo transmissíveis à terceira e quarta gerações (Ex 20.5,6). A Bíblia é farta em demonstrar a necessidade das pessoas se relacionarem, como a viúva, cuja bênção foi medida pela quantidade de vizinhos com os quais tinha bom relacionamento (2Rs 4.3-6). Como também a Bíblia nos ensina que os homens se completam em suas diferenças (“Não é bom que o homem esteja só”, Gn 1.27 e 2.8; Ec 4.9,10: “Melhor é serem dois do que um”). Até mesmo a objetiva matemática já demonstrou que a completude de todo e qualquer sistema está fora dele (Teoremas da Incompletude, de Kurt Gödel, de 1931). Por tudo isso é que quem despreza o todo bíblico em cada assunto, para escolher um ou mais versículos para com eles trabalhar, em detrimento do todo, não estará buscando respostas bíblicas, mas sim, garimpando a sua própria e microscópica imagem, cultuando a si, e apenas usando a Bíblia como instrumento do seu narcisismo. Os teólogos mostram que as heresias nascem, justamente, dessa escolha de um conjunto de Textos, em detrimento de outro conjunto (Sl 119.160); bem também que o vocábulo “seita” (em termos técnicos, bíblicos e primários) nasce das divisões (1CO 1.11-13), das separações, as quais, hoje, são chamadas de “denominações” (1CO 3.3-6), as quais já não constituem, em si, o “um só corpo” que a Bíblia afirma constituir o que chama de “Igreja” (1CO 12.12,13; Ef 4.4-6). Veja os vídeos “É perfeitamente possível desenvolver a fé cristã genuína sem vínculo a qualquer espaço religioso”, do Evandro Moretti (nesse vídeo ele começa mostrando as datas de fundação de algumas denominações, tais como: o catolicismo fundado no ano 317; o luteranismo com a reforma do ano de 1517, por Lutero; o presbiterianismo em 1560; a denominação batista em 1612; o pentecostalismo no ano de 1906; a congregação cristã do Brasil em 1910; e a assembleia de Deus chegou no Brasil em 1911); “Toda denominação é uma seita?”, ao que Mário Persona responde que sim (Ap 18.4 – Ex 19.17 e 33.7-9; JO 19.16,17 c/c Hb 13.11-14); “As organizações religiosas não vêm de Deus?” (dons, Ef 4.11 ≠ ofícios, funções, 1Tm 5.17; Tt 1.5; 1Pe 5.1; presbíteros = bispos = anciões = superintendentes); “#2332 Como surgiu o

clericalismo?” (um pouco da história antiga da Igreja, quanto ao surgimento do clero); “#1542 A ideia de congregar sem denominação veio do ocultismo?” (verdades e mentiras sobre a história recente do povo cristão); “#0913 Reunir-se sem denominação não é criar uma nova igreja?” (diferenças substanciais e seus requisitos bíblicos e não apenas de forma); “#0687 O cristão deve ser sem igreja?” (conceito de Igreja); “#0965 Como se reunir sem um templo?” (da mesma forma que primitivamente os irmãos assim faziam), todos esses são vídeos também do Persona. Como disse Caetano: «*Narciso acha feio tudo que não é espelho*». Daí porque Agostinho de Hipona assim documentou: «*Se você crê somente naquilo que gosta no evangelho e rejeita o que não gosta, não é no evangelho que você crê, mas, sim, em si mesmo*» (2Tm 4.3,4; Rm 10.3; Gn 6.5 e 8.21; 1Cr 28.9; Pv 23.7; Jr 18.12). Ir à nota 114,118. Veja o vídeo “Permita que a Bíblia diga o que você precisa e não o que você quer”, Leandro Quadros (mostra, inclusive, que prever, 1Pe 1.2, é diferente de fazer acontecer algo, Gn 4.6-10; assim como predestinar o caráter do salvo em Yaohushua, Rm 8.29, é diferente de impor salvação ou perdição ao coração de quem quer que o seja, Dt 4.9; 1Jo 5.18; Ap 3.20 e 13.8 e 17.8). Não existe “graça irresistível”, pois essa é sinérgica, 2CO 6.1 (Strong 4903), e não monérgica; como, aliás, é sinérgica TODA a obra do Espírito Santo, no coração do homem, Ap 3.20 – nesse sentido, veja o vídeo “Como ser guiado pelo Espírito – Luciano Subirá”.

<sup>3</sup> LC 12.51-53; Mt 12.25,30. “**A soma** da tua Palavra é a verdade”, Sl 119.160, TB, AA. A este princípio hermenêutico (o vocábulo “hermenêutica” tem sua origem em Hermes, que a mitologia afirma que seria o mensageiro de Zeus/deus aos homens) alguns chamam de “princípio analógico [ou teleológico] das Escrituras”, o qual estava contido no “*sola scriptura*” da Reforma, e que é lembrado por R. C. Sproul: «*Sacra Scriptura sui interpres*» (O Conhecimento das Escrituras, 2003, p. 48-51). As Escrituras se autointerpretam. Somente a elas cabe tal autoridade!

<sup>4</sup> Tg 1.6-8. Ou dobre como assim são as dobradiças, para isso mesmo fabricadas: irem e voltarem, sem saírem do lugar (Tg 4.8).

<sup>5</sup> O exterior (Mt 7.18 e 12.33-35→Lv 21.18-23; Dt 23.1,13,17; JO 9.1,2,6; Tg 3.11→vá à nota 13, 50, 186) acaba retratando o inconstante no interior - Gn 3.19 → Ez 44.18 c/c Gn 3.19; os variados “fluxos” energéticos de LV 15, em contraste com o quanto saía de Yaohushua, daí MC 7.33 e 8.23 e JO 9.6 → nesse ponto específico, vá à nota 1, 61, 232, 294. Por isso Adão e Eva se sentiram nus, mesmo após o corpo coberto pelas folhas da figueira de cujo fruto haviam acabado de comer, Gn 3.7,10: **a alma estava nua**, Rm 13.14. O homem é um *espírito* que tem uma *alma* e habita num *corpo*. E os fluxos energéticos que o interior do casal do Éden externava, já não eram puros: Mt 15.17-19 c/c LC 2.34,35;2CO 2.15,16. O corpo (e o planeta, Gn 4.10-12; Dt 28.23; 2Cr 6.26-31 e 7.14; Is 24.3-7; Sl 8.5-8 e 115.16; Rm 8.19-23; Tg 3.7) retrata o estado espiritual da alma humana (Dt 12.20; 3JO2, BV) → sobre isso discutiremos na nota 50. Is 10.18: “como define o doente, desde a alma até o corpo” (Is 66.14; JO 6.63,68; Ap 22.2; Pv 4.20-22 e 14.30 e 16.24 e 17.22; 1CO 6.19,20; 2CO 4.10). As sensações corporais de frio, calor (Gn 2.5,6; sem calor não há chuva; ir à nota 186 e o caso de Noé), cansaço e o suor do corpo só passam a existir após o pecado da alma (Ez 18.4,20; Mq 6.7) de Adão (Gn 3.17-19: “*Porquanto...*”; logo, há relação de causa e efeito entre o *antes* e o *depois*).

Os teólogos que anotaram a “Bíblia de Estudo Pentecostal”, sob Lv 12.2, documentaram:

“A paternidade/maternidade é da vontade de Deus para o casal e pode ser uma das maiores alegrias da vida (Gn 1.28; 9.1; Sl 127.3; 128.3). Todavia, os fluídos expelidos no parto eram declarados impuros (cf. 15.16-19; Êx 19.15; ver a nota seguinte) e apontavam para os resultados da queda da raça humana (ver Gn 3.15 nota). (1) A criança já nasce com a natureza pecaminosa (ver 1 Jo 1.8 nota) (...) (3) Pais cristãos, cientes das tendências pecaminosas com que seus filhos nascem, devem orar intensamente para que eles aceitem a Cristo como Senhor e nasçam de novo espiritualmente, regenerados pelo Espírito Santo” (em sentido semelhante anotaram sob Gn 3.6; assim como os teólogos da “Bíblia Apologética de Estudo” anotaram sob Gn 2.17). O mesmo grupo de teólogos responsáveis pelas notas à “Bíblia de Estudo Pentecostal”, anotaram sob Mt 8.22 = LC 9.60 que: “DEIXA AOS MORTOS SEPULTAR OS SEUS MORTOS. Esta expressão de Jesus significa: Deixa os espiritualmente mortos sepultar os fisicamente mortos. O discípulo do versículo 21 provavelmente queria ficar com seu pai idoso e incrédulo até que este morresse”. Depois, o mesmo grupo de doutos, ao comentarem Ef 2.1-3, anotaram que: “(1) Todos os não-salvos *estão espiritualmente mortos* (v. 1), sob o domínio de Satanás (v. 2), escravizados pelo pecado (v. 3) e sujeitos à condenação divina (v. 3)”. Adiante, comentando 1Jo 3.9, documentaram que: “É impossível, espiritualmente, alguém ter em si a vida divina (i.e., ser nascido de Deus), e viver de modo pecaminoso”; ou seja, aquele que já recebeu a vida divina, do Calvário, até peca com a alma (1Jo 1.8-10 e 2.1,2), mas jamais peca espiritualmente, com o espírito (1Jo 3.6-10 e 5.18 = TB, ACRF, BCMD). Tais mesmos teólogos, falando das “obras da carne”, anotaram que: “(ver o estudo AS OBRAS DA CARNE E O FRUTO DO ESPÍRITO). Tais pessoas *estão mortas espiritualmente*, e somente poderão receber vida, caso se arrependam do pecado e se voltem para Deus”. E em estudo doutrinário colacionado à referida Bíblia, tais teólogos concluíram: “Adão e Eva também *morreram espiritualmente quando desobedeceram* a Deus, pois isso destruiu o relacionamento íntimo que tinham antes com Deus (ver Gn 3.6 nota). Já não anelavam caminhar e conversar com Deus no jardim; pelo contrário, esconderam-se da sua presença (Gn 3.8). A Bíblia também ensina que, à parte de Cristo, todos estão alienados de Deus e da vida nEle (Ef 4.17,18); i.e., *estão espiritualmente mortos*” (JO 15.1-7). E a Bíblia Dake anota sob 1Co 2.14: “O homem natural. Gr. psuchikos, sensual (v.14; 15.44-46; Tg 3.15; Jd 19). Este é o homem que vive sob o domínio das paixões carnais, a parte sensual e depravada do homem em oposição a parte racional (Gl 5.19-21; Rm 1.29-32; 1 Co 6.9-11; Cl 3.5-10). Ele é o homem animal em oposição ao homem espiritual. Não percebe os valores espirituais e não tem inclinação para eles. Para ele, a maior sabedoria está em viver para este mundo e para os prazeres carnis e as coisas espirituais são tolice. Não pode ver a suprema excelência dessas coisas por causa de suas concupiscências animais e *por estar espiritualmente morto* (Ef 2.1-9)”. Dave Hunt (Em defesa da fé cristã – respostas a perguntas difíceis; CPAD, 2006, p. 326) escreveu: “Nós somos corpo, alma e espírito (1 Ts 5.23; Hb 4.12). (...) Jesus disse ao ladrão na cruz: “Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso” (Lc 23.43) — uma afirmação que não teria sentido se nenhum deles fosse estar consciente. (...) Na verdade, *nascemos mortos espiritualmente* enquanto a morte física está em progresso em nosso corpo *desde o momento de nosso nascimento*, fato que a ciência médica reconhece, mas não consegue explicar. Adão

morreu *espiritualmente* (...) no exato momento em que comeu o fruto da árvore proibida: "... porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás" (Gn 2.17). Seu corpo, no entanto, não estava morto — ainda. Portanto, ele estava morto espiritualmente, *como também todos seus descendentes desde o momento do nascimento*. Mesmo antes de nosso corpo morrer *estamos espiritualmente mortos* em transgressão e pecado (Ef 2.1; Cl 2.13)". O grupo de teólogos calvinistas que comentam a "Bíblia de Estudo de Genebra", ao anotarem sob 1Pe 2.11, também correlacionaram "carne", "natureza pecaminosa", "alma" e os "frutos da carne": "**paixões da carne**. Desejos corporais não estão errados em si mesmos, mas são pervertidos pela *natureza pecaminosa* do homem. A expressão inclui não apenas os pecados do corpo, mas outros desejos de nossa *natureza decaída* (Gal. 5:19-21)." A "Bible Chronos Di Nelson", v. 1, em p. 134, documentou que: "O sentido da morte para a alma não é o mesmo que para o corpo, pois significa separação. *O homem natural é uma alma separada de Deus e tem um espírito separado do Espírito Santo.*" E, biblicamente, não pode restar dúvidas de que "um espírito separado do Espírito Santo" é um espírito morto (Ez 36.25-27 e 37.5,6,10,14; JO 15.1-7; 1CO 15.45; Tt 3.5; Ap 11.11). Assim é que, mais à frente, em p. 313, a mesma "Bible Chronos Di Nelson" documentou que: "Satanás tem acesso à mente do homem, e, por meio de sua mente, ele entra no corpo e na alma, mas ele não consegue passar dali para o espírito humano. O espírito é o lugar Santíssimo reservado por Deus para a habitação do Espírito Santo. Se o diabo entrasse no espírito humano, o homem jamais nasceria de novo, porque *o novo nascimento se processa no espírito humano* pela ação do Espírito Santo. Satanás atua no *homem natural ou no homem carnal*".

A morte espiritual instantânea de Adão, ao pecar, mas ainda ele "viver", fisicamente, 930 anos, é prova clara e inequívoca que, embora já morto no espírito (1CO 15.45; 1CO 14.14,15), Adão ainda tinha a "vida animal", a "vida terrena", a "vida diabólica" (Tg 3.15) da alma (LC 12.16-21; Mt 10.28; Sl 44.25 e 119.25), o que lhe permitiu viver como "homem natural ou animal", ou seja, como "homem-alma", NTE1624 (1Co 2.14 e 15.44-49; Jd 19), pois, com a retirada da alma do corpo, o corpo morre imediatamente (Gn 38.18; 1Rs 17.21,22). A entrada do espírito no corpo físico dá ensejo à formação da alma (Gn 2.7; ZC 12.1; MI 2.15), ou seja: 1+1=3. E a recíproca é verdadeira: a saída do espírito do corpo do homem implica no desfazimento da alma e na conseqüente morte do corpo (pois o espírito é o dínamo que alimenta de vida a alma e esta mantém o corpo); mas espírito e alma são dois diferentes fôlegos de diferentes formas de vida (Sl 104.29,30; Is 57.16; LC 8.55; Rm 6.13 e 8.11; Tg 2.26). Diferentemente da saída do espírito do corpo do homem (Ec 12.7) é a sua manutenção, mas inativado, mortificado pela ausência do Espírito da Vida (Ap 11.11; 1CO 15.45): o homem continua sendo tricotômico (corpo + alma + espírito), mas carregando o "peso-morto" de um espírito inativado, morto (Rm 3.23 e 6.13,23). E assim, regido pela alma, aquele homem se torna um "homem-alma" ou "homem natural" ou "homem adâmico" (1CO 2.14; 1CO 15.44-49; Tg 3.15; Jd 19) – tal homem é tido como vivo pelos demais homens como ele é, pois tem CPF, RG, etc. Mas, para a Vida (JO 14.6; JO 15.1-7), para o Eterno (Ap 11.11; 1CO 15.45), espiritualmente (JO 6.63), tal homem está morto (Lc 9.60; Rm 6.13; Rm 8.11; Ap 3.1). Assim, biblicamente não pode haver dúvidas de que: **1)** o homem é tricotômico (= corpo + alma + espírito = Hb 4.12; 1Ts 5.23 – ao contrário do quanto dizem dicotomistas de renome,

como Hernandes Dias Lopes; Augustus Nicodemus; Rodrigo Silva etc.; se “alma” fosse apenas um sinônimo de “espírito” - como esses doutos afirmam, contra a explicitude da Bíblia, 1Sm 1.15 [aqui diz que a verdadeira vida está no espírito, LC 9.60; Ap 3.1]; Is 26.9; Is 57.16; LC 1.46,47 -, com a morte espiritual de Adão o corpo dele também morreria, imediatamente, e não foi o que ocorreu!); **2)** a saída da alma implica em imediata morte do corpo, mas a morte (ou inativação) do espírito não implica, necessariamente, em imediata morte da alma – embora, antibíblicamente, a grande maioria dos teólogos afirmem que a alma segue o caminho do espírito, quando da morte do corpo; **3)** Não há nenhum texto bíblico afirmando que, com a morte do corpo, a alma e o espírito humanos seguem juntos, mas há vários textos sagrados afirmando, em sentido contrário, que a alma segue o caminho do corpo, como os sequenciais versículos acima deixam inequívoco. E assim é que o grupo de teólogos responsáveis pela “Bíblia Apologética de Estudo” anotaram, sob Gn 2.17, que: “Adão e Eva comeram da árvore proibida e continuaram fisicamente vivos, visto que Adão viveu até 930 anos. Mas Adão e Eva morreram *espiritualmente* ao pecar. Essa é a primeira morte que entrou no mundo; ou seja, a separação entre o homem e Deus (Lc 15.24; Ef 2.1; 1Tm 5.6). *Posteriormente, veio a morte física, que é a separação entre a alma e o corpo* (Lc 12.4,5). Em Tiago 5.20, lemos que se convertermos um pecador, podemos salvar sua alma da morte espiritual”. Ou seja: embora morrendo espiritualmente, Adão ainda viveu 930 anos com a “vida” da alma (LC 9.60 e 12.16-21), até que essa saiu do corpo dele (Gn 35.18; 1Rs 17.21,22), e, então, Adão morreu corporalmente!

“Homem animal” = “Homem psíquico” = “Homem almatóico” = “Homem carnal” = “Homem terreno” = “Homem diabólico” = “Homem natural” = “carne” = “alma” = “natureza pecaminosa herdada de Adão” = “Homem espiritualmente morto” = “Homem adâmico” = “Velho homem” = “Homem sem o Espírito Santo” = “filho da desobediência” = “filho da ira”. E é assim que todos, sem exceção alguma, nascem! E assim todos permanecem (JO 3.18,36; LC 9.60; Ap 3.1) até que compareçam ao Calvário de Yaohushua e ganhem um novo espírito vivo (Ez 36.25-27; 2CO 5.17; Tt 3.5).

E a Palavra sonda, detecta e revela: Hb 4.12 (aqui o Texto diz que a Palavra até mesmo separa o espírito da sua alma); Ap 2.12,16 (Rm 2.15,16; JO 16.23 e 12.47,48). O Talmude contém várias passagens onde rabinos afirmam que o fruto comido pelo casal do Éden foi o figo, daí eles se vestirem de folhas de figueira, Gn 3.7; Ap 6.13. Há um estudo judaico que não só afirma isso, como examina a figueira em toda a Bíblia (Kol Shofar, “A figueira estéril”), afirmando em p. 15: “*é tradição rabínica que a Árvore da Ciência do Bem e do Mal seria uma figueira*”. Ao provar das consequências do mal, só então o homem conheceu que vivia no paraíso e não sabia; esta uma das razões do nome da árvore. Nesse, e em todos os estudos sobre o tema, teólogos são acordes em que, em toda a Bíblia, a figueira representa a autoridade tradicional-legalista de Israel [= Yaoshor’UL ↔ Yishra’EL], onde a tradição-legal judaica tem muito de bom a ensinar ao mundo, mas, igualmente, muitas fábulas inverídicas (Tt 1.14; 2Pe 1.16), bastando ver que a religiosidade judaica (simbolizada na oliveira) não aceita o Messias já vindo (rejeição da Videira Verdadeira, da Graça). No nosso livro “A Bíblia Desmente Igrejas” há três distintos verbetes, onde analisamos essa questão das árvores simbólicas, para Israel e para a Bíblia: “Figueira” (Gn 2.17; Mt 21.19; MC 11.13-14); “Oliveira” (Jr 11.15-17; Rm

11.17,24) e “Videira”. A parábola de Jotão (Jz 9.7-15) profetizou como o povo escolhe os seus líderes religiosos (Os 4.6,8,9) e políticos (Os 8.3,4 e 13.10,11), baseando-se no medo (Jz 9.15, ameaça de queimar tudo) e em mentiras gritantes (dar sombra suficiente ao povo, embora qualquer criança sabendo que espinheiro não dá sombra). Por essa razão é que tanto oliveira, quanto figueira, só sobreviverão quando, replantadas na vinha, derem o renovo do fruto da videira (LC 13.6-9; JO 15.1-7). Sobre o renovo que brota da oliveira, veja os vídeos “Jesus veio na hora certa! / Dr. Rodrigo Silva” e “O rei Saul porque ele foi ungido duas vezes? Fora de sério”. O bem e o mal vindos da mesma figueira (voltamos a essa análise na nota 174). A Lei (Gn 3.3,7) traz coisas boas (ordem, disciplina, imposição de limites) e más (escravidão, castigo, morte). No verdadeiro amor não há lei (Rm 13.8,10), não há castigos, não há mortes, não há imposição de limites, pois, o Amor, em si e por si, impede todo e qualquer coração de fazer qualquer mal a si e ao próximo (Rm 8.2; Tg 2.8). Sobre a pele só dada como revestimento do corpo (Gn 3.21), após o homem perder a vestimenta original (a Luz; a Glória), vá à nota 32, 174, 199. Ainda no tangente ao fruto comido pelo casal no Éden (Gn 3.12 c/c Pv 30.20), é interessante notar-se que o osso que fica no meio da face é chamado, em anatomia, de “osso malar” (vem do latim “malum” = maçã). O osso malar fica na região facial que o povo apelidou de “maçã do rosto”. Em latim, a palavra “**mālus**”, como adjetivo, significa maligno, mau, ruim – e não poucos são os que entendem que a face retrata o que se esconde na alma, como demonstramos tal pensar na nota 50. Porém, “**mālus**”, como substantivo feminino, também significa macieira. Ou seja: os homens, ao nominarem as coisas, criaram todo um conjunto de analogias, a unir a maçã ao pecado, segundo o errôneo pensar que tinham, trocando a figueira pela macieira, o que se popularizou a partir do século V. Isso porque, entre os fins do século IV e o início do séc. V, entrou em vigor a chamada de “vulgata”, ou seja, a tradução feita para o latim, por Jerônimo, a pedido do papa Dâmaso I. O denominado de “pomo-de-adão” é uma saliência do osso hióide, junto à laringe, ocasionado pelos hormônios masculinos, mormente a testosterona. Dizem que Adão após morder o fruto proibido, tentou regurgitá-lo (Jó 20.12-16), e, daí também o nome a tal acidente anatômico. Os especialistas na área demonstram que a maçã não é uma fruta originária, mas sim derivada de cruzamentos, de enxertos diversos. Por isso alguns rabinos terem afirmado que a fruta proibida era, provavelmente, o figo, mas com certeza jamais poderia ser a maçã.

<sup>6</sup> Is 35.8,9; JO 14.6; At 19.9,23. O Contrato, em si, já limita que o Imundo transite pelo Caminho; neste, só os filhos do Calvário podem e devem, em total segurança (Mt 3.18). Veja-se o Caminho mostrado pela escada de Jacó, e trilhado pelo Único Salvador, na nota 125 (JO 1.45,49-51↔At 1.2,3,10,11↔1CO 15.6,7).

<sup>7</sup> Ap 9.15,18 e 12.4. Nesta nota falaremos de como se formam algumas das diversas formas de conhecimento no homem. E veremos que a expressão oratória “assim na Terra como no Céu” (Mt 6.10), não é simbólica, e que isso nos é mostrado, inclusive, no tangente ao Tabernáculo/Templo, os quais retratavam a estrutura geográfica dos céus. E subjacente a tal estudo, analisaremos diversos temas que o circunscrevem. A metafísica nos mostra que a tudo e a todos, nós só podemos conhecer por uma das três formas possíveis de cognição humana: por **univocidade** (conhecimento por igualdade; não conseguimos ver com os olhos, por mais massa que tenha, aquilo que, no nosso cérebro,

já não tiver um registro prévio a ser acessado; vá ao final da nota 34 e à nota 282); ou por **equivocidade** (forma de conhecimento de algo ou alguém onde nosso cérebro busca semelhanças nos diferentes) ou por **analogia** (onde, por falta de modelo preexistente, idealiza-se e se adapta algo, a um modelo que com ele sequer equivocidade se tem, como assim era muita coisa celeste que era mostrada em visão e descrita pelos profetas, os quais de tais coisas não tinham referencial – Ezequiel, João -, assim como os demais homens não tinham referências em seus cérebros). Veja o curto vídeo “A essência de Deus / Dr. Rodrigo Silva”. A mente é o produto final, resultante do funcionamento do cérebro – o entendimento da mente nasce, primeiro, no coração, Hb 4.12 e 8.10; Jr 20.12; do coração vai à mente, Dt 11.18; e após processado na mente sai a ordem para o corpo efetivar, Mt 15.18-20; vá à nota 34; veja o vídeo, do Mário Persona, “Deus já escreveu todos os meus dias?”; busque a Superinteressante com o artigo “Quando o cérebro não enxerga”; JO 9.39-41; Is 6.9; JO 8.42-47. Ou seja: como demonstramos na nota 2, a semente (1JO 3.8-10) que trazemos em nosso **coração** (= *alma*, no caso dos não salvos, que são “homens-almáticos”, 1CO 2.14 = Tg 3.15 = Jd 19; ou são *espírito*, no caso dos salvos) terá profunda influência no funcionamento do nosso cérebro (mente), bem também na fisiologia dos diversos órgãos do nosso corpo, Dt 12.20; Is 10.18. E esse é outro grande paradoxo (vá à nota 1,14; alguns preferem chamar paradoxo de “antinomia”), por meio do qual o Contrato nos ensina profundos detalhes do Eterno, o qual não é cognoscível por univocidade (nada é igual a Ele; Is 55.8-11), nem mesmo por equivocidade (nada Lhe é semelhante, daí nascendo o nome Mikha’UL - Is 40.18,25 - corrompido para Miguel, como mostramos na nota 50). E é assim que o homem busca conhecer o Eterno por analogias (nesse caso específico também chamadas de “antropomorfismos” [Ex 33.23; Dt 8.3; 1Sm 8.21 e 15.19; Jó 11.5; Is 52.10] e/ou “antropopatismos” [Gn 6.6; Ex 4.14; Dt 28.63; Ez 25.17]). Nessas analogias o homem sempre toma por base o quanto o Contrato consegue, a meros homens, revelar sobre Ele, por igualmente meros homens (1Sm 3.7 ↔ Ex 4.16 e 7.1; JO 6.63; At 19.2; 1CO 12.13; Ap 19.13). O paradoxo, a antinomia, dessa única forma de conhecimento do Eterno (por mera analogia) reside em que o próprio Contrato nos revela que para que sejamos adotados por Ele, como filhos (Rm 7.4 e 8.15 e 9.4; Gl 4.5; Ef 1.5), mister muito mais que um conhecimento superficial, analógico, o que Jó pagou um alto preço para descobrir (Jó 42.5 ↔ Jr 9.23,24; Os 6.3; JO 17.3; Fp 3.14-16). Somente durante o seu penoso processo foi que Jó conseguiu ver aquilo que é impossível de ser visto com os olhos (Ex 33.11,20; JO 1.18; 1Tm 1.17 e 6.16 ↔ JO 4.24, Hb 12.9), ou seja, impossível de ser visto com o cérebro (alma = “homem natural”, 1CO 2.10-16), à semelhança de Sha’UL, que precisou de ficar cego por três dias, e, nesse período de cegueira, só então ele “viu” (sem os olhos, mas somente com o novo coração) o desconhecido Ananias, bem ao longe, aonde olhos humanos não alcançam, recebendo ordens de vir curá-lo (At 9.9,13,18 ↔ 2Rs 6.8-18; Is 64.4; LC 24.16,31; JO 9.39-41; 1CO 2.9). Todos esses paradoxos são tidos como autênticas e irreconciliáveis contradições pelas almas dos homens naturais (chamados de “homens psíquicos”, almáticos, em 1CO 2.14 e 15.44,46, NTE1624 e Jd 19, BJ = tradução da Bíblia de Jerusalém); 1CO 2.14, NTE1624: “*Ora, o homem-alma não recebe as coisas do Espírito de Deus, porque para ele são loucura; e não pode percebê-las, pois que se discernem*”. 1CO 2.14, SBU: “A alma do homem não recebe as

coisas do Espírito de Deus pois para ele é insensatez, e não se podem conhecer por que se examinam espiritualmente”. Strong 5591 demonstra que 1CO 2.14 e 15.44,46, Tg 3.15 e Jd 19 têm em comum tratarem do “homem psíquico”, do “homem-alma”, também chamado de “homem natural” e “homem terreno”, pois é como, naturalmente, pelas leis naturais, cada ser humano nasce nesta Terra (Gn 3.20 e 5.3), como “homem diabólico” ou endemoniado, como assim esclarece, em complementação, o mesmo Strong em 1141 (Tg 3.15; At 17.26; Rm 5.12), e que tal homem nasce SEM o espírito (o espírito humano está morto; Gn 2.17 c/c Ef 2.1-5; LC 9.60; Ap 3.1), justamente porque tal homem nasce SEM o Espírito Santo de vida (Ez 36.25-27; 2CO 5.17; Tt 3.5; Ap 11.11). Ou seja: 1CO 2.10-16 faz um confronto entre a alma (também chamada de “carne”; Mt 26.38,41; 1CO 15.50; Gl 4.14,29 e 5.16,17; e a alma também chamada de “natureza pecaminosa”, em algumas traduções, como o faz a NBV em Rm 7.18 e 8.4,7,8,12 e a NTLH em Rm 8.3; Gl 5.16,17: tanto a NTE1624, quanto a BPMS, traduzem como “espírito”, em minúsculas, pois trata-se do espírito humano; e a SBU também traduz “espírito” em Gl 5.17) e o espírito humano com o Espírito de Deus; e o mesmo ocorre em Jd 19, como a tradução da NVI demonstra, sendo certo que as traduções NTE1624 e BPMS, em Jd 19, traduzem “espírito”, com letra minúscula, para mostrar que ali se fala do espírito do homem, e não do Espírito divino; e a TNM, traduz Jd 19: “Esses são os que causam divisões, homens que agem como animais, sem espiritualidade [ou “*sem espírito*”]”; Jd 19, NTE1624: “*São esses os que dividem a si mesmos, são os que são alma e não têm espírito*”. Mas o quanto os homens psíquicos veem como contradições, somente podem ser harmonizadas pelo espírito daqueles que têm o Espírito (Ez 36.25-27 c/c Ap 11.11; ZC 12.1; 1CO 2.10-16 e 6.17 e 12.12,13 e 15.45; Ef. 4.4; Jd 19 e Hb 12.23). Nada nem ninguém a Ele conhece ou Dele é totalmente (1Tm 6.16; JO 1.18) próximo (1JO 3.2 ↔ Rm 8.18,19; 1CO 13.12 e 15.49; 2CO 3.18; Cl 3.4,10). Essa (pensar, erroneamente, que já conhecia o Eterno; veja o vídeo “Por que Satanás tentou Jesus, se sabia que Ele era Deus?”, do prof. Leandro Quadros) a razão de Satã e os anjos terem tentado o quanto fizeram; vá à nota 16, 18, 188; e é por isso que Ele precisa se esconder (as nuvens; as rochas; símbolos prefigurativos de Yaohushua; Dt 32.4; 1CO 10.1,4; e Yaohushua, a imagem e glória de Yaohú, 2CO 4.4-6; Hb 1.1-4), para, só assim, Ele “se revelar” parcialmente (Ex 33.19,22,23 e 34.33-35 ↔ 2CO 3.13-18); vá à nota 19. Lúcifer se autotransformou em Satanás: Ez 28.15,16; Jd 6, ARA, NTLH, NVI - diz-nos os Textos Sagrados sobre os anjos que ultrapassaram os seus estados originais de criação em perfeição e os limites do domicílio (a VC traduz “abandonaram os seus tronos”; cf. Is 14.9 e Cl 1.16) em que foram postos. Lúcifer virou as costas à Luz (1JO 1.5; 1Tm 6.16), quando resolveu subir (Jd 6; Dt 32.8; At 17.26) e se colocar acima de todos os demais anjos, “as estrelas de UL” (Is 14.13 ↔ Mt 22.30, *in fine*; Gn 15.5; Jó 38.7; Pv 4.18; Dn 12.3; Mt 13.43; 1CO 15.40,41; Ap 1.20; Ap 12.4,7). Muito além do pampsiquismo panteístico, e até mesmo fora da metafísica, cientistas vários de há muito divorciaram inteligência de consciência, provando (a unicelular ameba, sem cérebro portando, que o diga) que inteligência nada tem com consciência, esta última tendo sido ressignificada como “*estar ciente do ambiente ao redor de si*”. E aí, físicos e astrônomos ao constatarem um fenômeno batizado pela ciência como “descontinuidade de Parenago”, concluíram que as estrelas são astros, no mínimo, conscientes (cf. Dn 12.2,3 e 1CO 15.41), como afirmam

que dentro de uma década teremos robôs com consciência (no ponto, vá à nota 282), até porque já é uma realidade, circulante em testes, os carros sem humanos para os dirigir, justamente porque tais máquinas *têm ciência do ambiente ao redor de si*; ou seja, as máquinas estão adquirindo *consciência*. E é por isso que a Bíblia ao nos transmitir noções das coisas celestes, rotineiramente explicita que está nos revelando por analogias (Ex 25.9 e 26.30), como é o caso, por exemplo, das ricas e profundas lições que nos chegam por meio do Santuário, Templo (Hb 8.2 e 10.1).

Lembremos que o Contrato, de forma expressa, esclarece que todos os habitantes dos diversos Céus, vivem hierarquizados tabernacularmente, ou seja, sob a modalidade de Tabernáculo, suas divisões e o seu entorno (Ap 13.6, ARA, NVI, NTLH). Ap 13.6: **“E abriu a boca em blasfêmias contra יהוה, para *lhe difamar o Nome* e difamar o tabernáculo, a saber, os que habitam no céu”**. Aditivamente, “Está escrito” que o Tabernáculo, construído por Moisés segundo o quanto lhe ordenado por Yaohú, tinha três partes e era o resultado terrestre e imperfeito do padrão divino, Hb 10.1, do perfeito modelo celeste, Hb 8.2,5 e 9.1, 8,9,11,23,24 (Ex 25.8,9 e 26.30). Assim na Terra, conforme é nos Céus (Mt 6.10; MC 12.25,*b*). E que o Santo dos Santos era local inacessível e exclusivo do Eterno (1Tm 6.16), aonde ali só penetrava, muito excepcionalmente (com sininhos para indicar se ainda vivia, Ex 28.34,35), o sumo sacerdote, sendo ele o imperfeito tipo do perfeito Sumo Sacerdote, Yaohushua, Hb 7.22-28. O Paraíso talvez não seja, exatamente, no 3º Céu (Santo dos Santos ou “céu dos céus” = Dt 10.14; 1Rs 8.27; 2Cr 2.6 e 6.18; Ne 9.6), 2CO 12.2,4: “foi arrebatado ao terceiro Céu”... “foi arrebatado ao Paraíso...” (no vídeo da VejamSó!, “Céu e Paraíso são o mesmo lugar?”, o Dr. Gabriel de Oliveira Porto diz que não; Paraíso e 3º Céu são lugares distintos, assim como são distintos, em um primeiro momento, os destinos de espírito e alma humanos). Há quem leia 2CO 12.2,4 como dois lugares diferentes onde Sha’UL esteve sob arrebatamento espiritual – veja o curto vídeo “Diferença entre Paraíso e Terceiro Céu”; veja, ainda, o vídeo “Você está preparado para entrar no “seio de Abraão? – Guardei a fé”, onde, nesse último vídeo, o teólogo localiza o “seio de Abraão” no Paraíso, mas como um local diferente (antessala) do 3º Céu, como um local intermediário, de espera da ressurreição conjunta de toda a Igreja (JO 6.40 e 11.24; 1CO 15.52; Ef 2.6), como assim está expresso em 1Ts 4.15-17: “*nós... não precederemos aos que dormem ... e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós...*”; e Hb 11.39,40. O ápice é ressuscitar e morar com Yaohushua. E quem já atingiu o ápice, a promessa, esperaria mais o quê?; se há o que esperar e almejar, é porque ainda se aguarda, é porque ainda se está em um estado intermediário, 1JO 3.2. Confrontar 2CO 12.2,4 com 1Tm 6.16 (“inacessível”). O Eterno, em vendo o quanto a manifestação da sua Glória amedrontava os homens (sobre a propalada, pelas igrejas e teólogos, *shekinah*, vá à nota 28), e, mesmo assim, querendo Ele se fazer um com os homens (JO 17.21,23), mandou Yaohú que Moisés construísse uma tenda, no meio das demais tendas judaicas, para que Ele (JO 1.18 e 6.46; 1Tm 6.16) habitasse em tal tenda, tabernáculo, com os homens (Ex 25.8,22 X 1Rs 8.27; Ex 33.20). Assim, não podendo os homens (1Tm 6.16) se chegarem a Ele (Rm 10.6-10; 2CO 5.16; Ap 19.13), O Onipotente buscava formas de se rebaixar, de descer, de se fazer próximo dos homens, para com os homens ter comunhão. Daí, na literalidade do original, JO 1.14 dizer que Yaohushua

“tabernaculou” (vem traduzido “habitou”) com os homens; e, por isso também, em JO 2.19-21 ele disse ser ele o Templo do Pai, que os homens derrubarão, mas que em três dias ele próprio o soerguirá (JO 10.18). Também por isso, em JO 14.6,20 ele disse: “ninguém VEM ao Pai” (JO 17.21); e, por isso, Salomão, após obedecer e construir o Templo como lhe mandado, manifestou sua perplexidade com a ordem recebida, por ser revelado que o Eterno não pode ser contido sequer pelo desconhecido universo inteiro (1Rs 8.27; Is 40.22; Jr 23.23,24), quanto mais por um templo feito por mãos humanas (At 7.47-51 e 15.16 e 17.24). E em JO 1.14 e 2.19-21, após séculos de mistério (MC 4.11; Rm 16.25; Ef 3.3,4,9 e 6.19; Cl 1.26 e 2.2), a resposta ao questionamento de Salomão estava sendo dada (Hb 9.11,24), consubstanciada em Yaohushua (Ap 21.3,22), o qual, como renovo, como novidade impensável, fora apenas envolvido por uma mulher (LC 1.35; vá à nota 108) pura (não híbrida, Gn 6.2.9), virgem (Is 7.14; Jr 31.22,31; Mt 1.23 - aliás, esse, “pura”, é um dos variados significados dados ao nome Maria) – veja o vídeo “Jimmy Swaggart – Satanás e os reinos desse mundo”. A forma como o Filho do Homem foi gerado (Jr 31.22,31; LC 1.35) o igualava ao “primeiro Adão” (1CO 15.45-47; Gl 4.4): ambos apenas com a semente divina, sem a influência de bagagem humana preexistente em sua alma. Por meio de Yaohushua, Yaohú provou que onde o primeiro Adão fracassou era perfeitamente possível triunfar em obediência, tanto que Yaohushua, em condições muitíssimo piores, triunfou. De forma semelhante ocorre com os filhos do Calvário, que, em Yaohushua, desvinculam-se do nascimento carnal (Mt 10.34-37), para serem adotados pelo Espírito Santo (Rm 7.4 e 8.15 e 9.4; Gl 4.5; Ef 1.5), servindo-lhes a carne como mero e transitório tabernáculo (2CO 5.1,8; 1CO 15.51-54; 1JO 3.2), pois o homem é o espírito (daí Ef 2.1-5 c/c LC 9.60 c/c Ap 3.1,9), espírito que tem uma alma para a ele ser subjugada e santificada setor a setor (Ec 12.7; ZC 12.1; JO 6.63; Hb 12.23; Tg 2.26; Jd 19, NTE1624, BPMS; 1Pe 1.9,22,23) – sobre o tema, examine os vídeos “O que é “carne” e “homem carnal” que combatem contra o espírito do salvo” (<https://youtu.be/qHFc913ZhwI>); “O homem é alma ou tem uma alma? O homem salvo pelo Calvário é espírito, que tem uma alma” (<https://youtu.be/X6m6v19vwVk>) e ““Carne [corpo] e Sangue [alma]” não entram no céu, antes de reunidos ao espírito já perfeito” (<https://youtu.be/ISkt8tzR2Hc>). Assim como Sha’UL falou em 3º Céu (2CO 12.2,4), o AT fala em “Céu dos céus” (1Rs 8.27; 2Cr 2.6 e 6.18), idem Ef 4.10. Ou seja: um Céu, sobre outros dois céus. Veja o vídeo “Como é o paraíso nas mitologias ao redor do mundo?”.

Da cognição analógica pela qual, expressamente, a própria Bíblia nos conduz aos mistérios espirituais do tabernáculo (e dos céus) e do homem (os terrestres como tipos imperfeitos dos perfeitos celestiais), conclui-se que o local dos anjos, “as estrelas de Yaohú” (Jó 38.7; Is 14.13; Ap 1.20), fica no 2º Céu (= *mesoranos*; que funciona como antessala do Paraíso, assim como no tabernáculo e no templo; Hb 2.7,8) – veja o vídeo “Os três céus: por que ninguém toca nesse assunto?”. Ap 12.12, de forma explícita, nos diz de mais de um céu existentes e habitados, além de habitados por seres que se alegram com a derrocada de Satanás, e, portanto, habitados por seres opostos do inferno: “...alegrai-vos, ó céus, e vós que neles habitais” (cf. Hb 1.2 e 11.3; 1CO 4.9, TB, AA). A análise teleológica de Is 14.13, Ez 28,14,16 e Jd 6 nos mostra que ao conceber em si a iniquidade, Satanás quis subir acima do Monte Santo, onde até então era o ponto

máximo aonde ele poderia subir com as demais “estrelas” (= anjos) de UL (Is 14.13; Ap 1.20; cf. Dn 12.2,3 e 1CO 15.41, onde se fala dos salvos pelo Calvário). Assim, o Monte Santo da Assembleia era o primitivo Éden de Satanás (Is 14.13 c/c Ez 28.13,14,16; Sl 82.1,6 e 89.5,7 e 149.1). E dali, de tal Éden primitivo, Satanás quis subir mais, até o Trono da Luz Inacessível (1Tm 6.16; IJO 1.5); e, por isso, Satanás foi derrubado de onde estava (derrubado do Éden celestial, do Paraíso, onde fica o Monte Santo). Portanto, somente subindo acima do limite da habitação a eles, anjos, posta, Satanás poderia pretender atingir o 3º Céu e o Trono do Altíssimo, local que era vedado, mesmo antes do “querubim protetor” (Ez 28.16) ter se autotransformado em Satã (1Tm 6.16; Is 14.13,14; Jd 6). Logo, fica certo que o céu imediatamente abaixo do Trono do Eterno (Ap 6.9-11 c/c Lv 4.7), é o 2º céu (LC 16.22), um local já sublime e divino, o qual é uma antessala do Paraíso (Mt 8.11; JO 1.18; Ap 2.7), e que mesmo antes da rebelião, tal Monte da Assembleia era o limite máximo de subida posto até mesmo ao então ainda “Portador da Luz” divina = Lúcifer. Vejam os vídeos, com opiniões teológicas opostas, “A bíblia fala da existência de seres vivos em outros planetas?” (do Leandro Quadros) X “Existe vida inteligente fora do Planeta Terra?”, do Augustus Nicodemus; “Por que Deus criou tantos planetas se não foi para abrigarem vida?” (do Mário Persona); veja, ainda, o vídeo “A tribulação para os anjos (lançamento dos livros)”. No vídeo “Os mortos clamam no céu?”, o prof. Rodrigo Silva usa de profunda erudição teológica e teleológica, para mostrar que Ap 6.9-11 (cf. Lv 4.7 [= o sangue no altar de incenso, como oração na antessala do Trono, como representante dos mártires] e Jó 16.18) não trata de “almas”, mas de vidas, pessoas, do espírito dos mártires que tiveram o sangue derramado, com o que concordamos, e, até por isso mesmo, discordamos dele de que o Texto não diz que o espírito dos salvos (= as pessoas) estão conscientes. Veja o vídeo “Lembraremos no céu o que passamos na Terra?”, onde o prof. Mário Persona cita uma série de passagens bíblicas, a comprovar que quer no paraíso, quer até mesmo nesta Terra (durante o milênio), as lembranças permanecem, mas sem as angústias delas resultantes (Is 65.16-18); e, no vídeo “Os salvos no céu veem o que ocorre na Terra?”, onde Persona cita Ap 6.9-11 e LC 15.7,10 para demonstrar que ao menos os mártires e os anjos têm consciência do quanto ocorre nesta Terra, acrescentando Persona que ambos (anjos e mártires, quer os mártires do AT, quer os salvos durante a grande tribulação, de Ap 7.4-8,9,14) não integram a Igreja; idem no vídeo “Os mortos estão dormindo?”; em sentido diferente é o vídeo “Os mortos podem ver o que acontece na Terra?”, do Fatos desconhecidos. O “Santuário” é onde só os sacerdotes penetravam, lá no tabernáculo, daí porque os sacerdotes não poderiam ter nenhum defeito físico (Lv 21.7,14,18-23), em face de quem, fisicamente, eles representavam espiritualmente. Veja o vídeo “Por que Deus excluiu os deficientes em levítico? É preconceito dEle?”, do prof. Leandro Quadros. Lembrar que Ele próprio abomina qualquer acepção de pessoa, Tg 2.1,9. No local onde os anjos ficam, estes, quando das assembleias, têm que subir no pico do Monte Santo (Is 14.13 c/c Ez 28.14,16, ARA), para, do alto (Ex 17.9,10 e 19.20 e 24.17; Is 2.2; Ez 43.12), receberem as ordens do Eterno, Is 14.13,14. Logo, o Eterno sempre está em local mais alto, acima de todos os seus anjos. Os querubins ficam abaixo do Trono (2Rs 19.15; Sl 80.1 e 99.1; Ez 9.3 e 11.22 e 10.1,20 → vá à nota 188). Sl 113.5,6, NVI, ACRF: “*Quem é como o Senhor, o nosso Deus, que reina em seu trono nas alturas, mas se inclina para*

*contemplar o que acontece nos céus e na terra?*” – ou seja: abaixo do Trono Dele há mais de um céu (dois) e um planeta Terra. Sl 40.1= “...Ele se inclinou para mim, e ouviu o meu clamor”; Sl 99.5,6,9: “*Exaltai ao SENHOR, nosso Deus, e prostrai-vos diante do escabelo de seus pés, porque Ele é santo. Moisés e Arão, entre os seus sacerdotes, e Samuel, entre os que invocam o seu nome, clamavam ao SENHOR, e Ele os ouvia. Exaltai ao SENHOR, nosso Deus, e adorai-o no seu santo monte*”. Como melhor mostraremos na nota 125 (1CO 15.41), a harmonia bíblica (Sl 147.4 e 148.2,3) faz uma associação do Sol (que tem luz própria) com Yaohushua (MI 4.2; Sl 19 e 84.11); e associa a Lua (que não tem luz própria, tendo a função de, quando o Sol se retira, e as trevas tentam reinar, a Lua reflete a luz que está recebendo do ocultado Sol, sobre o mundo em trevas) com a única e verdadeira Igreja (Ct 6.10; 1CO 15.41); e as Estrelas são associadas tanto aos anjos, quanto aos pastores dirigentes das igrejas (Ap 1.20 e 2.1 e 3.1; Ap 12.4,7,9–Mt 25.41; Jô 38.7; Sl 147.4; cf. Dn 12.2,3 e 1CO 15.41, onde se fala dos salvos pelo Calvário). E na visão analógica de Ap 12.1 a Lua (Igreja) e as Estrelas (anjos, pastores e salvos em geral) são apresentados no mesmo plano, no mesmo nível, mas Lua e Estrelas abaixo (2º céu), em um plano inferior, ao do Sol (3º céu), e sempre, na Bíblia, a lua e as estrelas sendo citadas após o Sol (Sl 148.3) – sobre a Lua e o planeta Marte, vejam os interessantes vídeos “Ex fuzileiro do governo americano que afirmou ter vivido em Marte por 17 anos” e “O homem que ficou 17 anos em Marte revela segredos surpreendentes”. Sobre a questão do segundo céu, veja os vídeos “As duas testemunhas são Elias e Moisés?” e “As duas testemunhas de Ap 11”, ambos do Célio Macedo. Notar-se que em Ap 6.9-11 é dito sobre os salvos no estado intermediário; são os justos em aperfeiçoamento, Hb 11.40 ≠ “os espíritos dos justos aperfeiçoados” (Hb 12.23,24; Cl 2.10), e dos heróis da fé martirizados, onde a tradução “almas” é explicada pela Bíblia de Estudo Palavras Chave, sob o verbete 5590, dizendo que o melhor sentido ali é de “espíritos”, “vidas”, “pessoas” = Ap 20.4; basta ver-se que tais “almas” estão vestidas (Ap 6.11 c/c Lv 4.7), como assim é próprio de pessoas – no vídeo “Na mira da verdade – como será a vida no céu?”, Leandro Quadros reitera tal interpretação, de que ali se falava de pessoas e não de almas; daí que a BJ, ao invés de “almas”, assim traduz Ap 6.9 “... as vidas dos que tinham sido imolados por causa da Palavra de Deus e do testemunho que dela tinham prestado...” (idem, ESN). De notar-se que a Bíblia, após elencar os heróis da fé, diz que eles dormiram como santos/justos carentes do aperfeiçoamento que só depois foi dado à Igreja que nasceu do Calvário (Hb 11.39,40); enquanto que no tangente à Igreja diz que esta é constituída de santos/justos já aperfeiçoados (Hb 12.23,24; Ef 4.12), pois que “aperfeiçoados Nele” (Cl 2.10). Sobre estes espíritos (Ap 6.9-11 c/c Lv 4.7), pessoas (cf. 1JO 4.1-3), vá à nota 150, 152, 194 e 293. Trata-se de uma visão sobre os salvos que esperam a ressurreição dos seus corpos (LC 20.36), que será futura, universal e conjunta (JO 6.40 e 11.24; 1CO 15.52; Ef 2.6 [os espíritos de todos os filhos do Calvário já recuperaram quase a totalidade – 1CO 13.12; 1JO 3.2 - da perdida Imagem do Filho - Rm 8.29; 1CO 15.49; Ef 4.12; Cl 2.10; Hb 1.3 e 11.40 e 12.23 -, e já foram, *espiritualmente*, assentados na antessala do Paraíso]; 2Tm 4.8; Hb 11.4,35,39,40 e 12.23,24). Enquanto os mártires aguardam a futura ressurreição dos seus corpos, 1CO 15.42-44 (vá à nota 66) e que nessa visão a João são mostrados debaixo do altar (?!), onde clamam (oram para o alto) em

direção ao Trono do Eterno (Ap 5.8 e 8.3 e 9.13), o Texto nos esclarece que tais pessoas martirizadas oravam em alta voz, com plena e total consciência espiritual (vá à nota 293), com consciência inclusive do quanto ainda ocorria nesta Terra, mas em paz, tanto assim que a tais pessoas martirizadas foi respondido não para que parassem de clamar (oração segundo o quanto “Está Escrito” – Is 1.18 e 43.26; Dn 9.2,3; LC 4.1-13; JO 15.7), mas sim para que “descansassem mais um pouco”, Ap 6.11, BV. Logo tais pessoas, tais espíritos, clamavam em paz, sob descanso (ainda que com consciência do quanto aconteceu com elas e do quanto ainda ocorre neste planeta Terra), como assim é próprio de um paraíso. Ou seja: os espíritos dos filhos do Calvário estão no 2º Céu (antessala do Paraíso, onde fica o Monte Santo da Assembleia), junto com os anjos do Eterno, todos abaixo do inacessível Céu dos Céus = 3º Céu. Sobre o chamado “estado intermediário” ver o vídeo “Quando morreremos vamos direto para o céu? Ou em algum lugar intermediário até a volta de Jesus?”, do professor Leandro Quadros. Lembramos que os Testemunhas de Jeová, os Adventistas, os calvinistas, assim como outros, como o Mário Persona, não creem no “estado intermediário”. Sobre as fartas razões bíblicas do estado intermediário, além de todas as razões que aqui, nesta nota, estamos dando, outras são apontadas na nota 96. Recordemos, ainda, que o Cume do Monte, que era o ponto mais alto que Moisés podia subir, era até onde o Eterno tinha que descer, para, dali, Ele poder falar com Moisés (Ex 19.20 e 34.2). Notar que Ap 6.9-11 ao falar em “altar”, não diz com o “altar de holocausto” que ficava no pátio ou átrio do tabernáculo e do templo, mas sim com um altar que ficava “diante do Trono” (Lv 4.7; Ap 8.3 e 9.13); é a concretude do “altar do incenso” (Ex 30.7-10 e 37.25-28), também chamado de “altar de ouro” (Ex 39.38; 1Rs 7.48 → Ap 8.3 e 9.13) ou “altar interior” do tabernáculo e templo (Lv 4.7), justamente porque ficava dentro, no santuário, e aonde, duas vezes ao dia, os sacerdotes colocavam aromas que subiam dali até o Eterno (no Santo dos Santos), agradavelmente (por isso que, a partir do referido altar, os espíritos dos santos clamavam em orações, em Ap 5.8 e 6.10 c/c Sl 141.2 e LC 11.51). Esse altar interior, de ouro, de incenso, de orações agradáveis e contínuas elevadas até o Santo dos Santos, apenas uma vez ao ano recebia tal altar o sangue dos cordeiros (Lv 4.3-7), o que fazia uma analogia com o sangue dos mártires (em Ap 6.10 c/c LC 11.51 – justos em aperfeiçoamento, Hb 11.40 ≠ “*espíritos dos justos aperfeiçoados*” = Hb 12.23,24; Cl 2.10). Essa a razão porque na mesma ocasião e visão é mostrado a João a imagem do Cordeiro (Rm 8.29), mas esse ainda degolado (crucificado), como forma de mostrar que os mártires são co-herdeiros com o Cordeiro (Rm 8.17; Ef 3.6), Cordeiro que é mostrado no Trono, Ap 5.6,12, diante do qual está o referido altar de ouro. Lembremos que quando o pecador oferecia o cordeiro, como oferta pelo pecado, o degolador tinha que estar com as mãos sobre a cabeça do animal, para olhar nos olhos do cordeiro oferecido, como forma de marcar a transferência do pecado para o cordeiro inocente e imolado pelo ofertante da vítima substitutiva (vicária); Lv 1.3-5. Antes da Terra, o primeiro e imediato descanso aos pés do Eterno é o segundo céu, Ez 43.7-9 (falando do templo futuro, no milênio), e, após o milênio, leia Ap 21.1; At 7.49; vá à nota 194. E, quando o Templo for restaurado no milênio, com a volta da Glória do Eterno a ele, tal Templo ficará no Cume do Monte, e, ao redor de tal Templo será um lugar santíssimo (Ex 25.8,9 e 26.30.–Ez 43.12.–Hb 8.2,5) – sobre o milênio, ver o vídeo “Haverá um milênio?#164”, do prof. Moisés Brasil. E, se ao pretender subir ao

---

inacessível 3º Céu (1Tm 6.16), Satanás e seus anjos rebeldes (Is 14.12-16), como castigo, foram rebaixados de onde até então estavam colocados (2º Céu), logo, estão na parte externa do 1º Céu (Gn 1.6-8); esse representado pelo exterior do “átrio” ou “pátio” (Ap 11.2,19, ARA: “*mas deixa de parte* [“não o meça”, NVI] *o átrio* [“pátio”, NVI, NTLH, BV] *exterior do santuário e não o meças, porque foi ele dado aos gentios* [“às nações”, ACRF, ao mundo, aos impuros]; *estes, por quarenta e dois meses, calçarão aos pés a cidade santa.*”). O átrio ou pátio era aonde qualquer impuro (= híbrido; demônios; vá à nota 61, 170, 185) poderia ir e onde os sacerdotes deixavam as suas sujeiras, para, só assim, poderem adentrar no santuário. Alguns doutos afirmam a existência de duas quedas de anjos rebeldes, a primeira queda os lançando do 2º Céu para a parte externa do 1º Céu, e apenas os impedindo de subir mais, como assim os rebeldes haviam pretendido ao se rebelarem; e, depois, como tais anjos rebeldes, não podendo subir, duzentos deles (segundo o livro de Enoque) desceram e copularam com mulheres (Gn 6.2-4), dando origem, então, aos demônios, estes que a Bíblia os denomina de “impuros” (porque são híbridos, amálgamas, quimeras, Ez 22.26; Ef 5.5; Ap 21.27 - veja o vídeo “Rodrigo Silva e EGWhite: pega na mentira”) = “imundos” (Lv 13.3,8,15; Mt 10.1,8 e 12.43; MC 5.12,13; LC 4.33,36; LC 9.42; Ap 18.2), pois, biblicamente, tudo que impuro é abominação e é sinônimo de imundo (Lv 19.19; Dt 22.9,11; Ap 3.16; NVI Is 64.6; At 10.14,28 e 11.8 – veja o vídeo “As elucubrações de EGWhite amálgamas”), assim como tudo e todos que são desta Terra e servem ao diabo, como é o caso dos demônios, são por isso mesmo ditos “terrenos e diabólicos” (Tg 3.15) – e esses duzentos anjos teriam sido aprisionados em abismos terrestres. Essa descida à Terra teria sido a 2ª queda dos anjos rebeldes, e só então eles foram aprisionados na parte externa do 1º Céu (2Pe 2.4, tártaro, como “abismo celeste”), para, agora que presos (Jd 6), já não poderem quer subir (Ap 7.1 e 9.14), quer descer – (Ef 2.2 e 6.12; Dn 10.13,20) - com a única exceção de Satanás, que pode descer e transitar entre tal átrio/pátio celeste e o planeta Terra – Jó 1.7 e 2.2; LC 10.18; JO 12.31 e 13.27; 1CO 5.5; 1Pe 5.8; Ap 12.12. E os duzentos aprisionados nos abismos terrestres também dali não saem, segundo tal teoria teológica, muito baseada no apócrifo de Enoque - tratamos disso na nota 61. No vídeo “Existe vida inteligente fora do Planeta Terra?”, do Augustus Nicodemus, este discorda que “filhos de Deus”, em Gn 6.2, se refira a anjos, mas sim, segundo ele, se refere aos descendentes de Sete que copularam com as descendentes de Caim; sobre a geração de Caim veja a posição heterodoxa do vídeo “A semente da serpente (Gênesis 3:15) – Pr. Wilmer Vargas”, onde este afirma que a serpente do Éden adâmico era um animal híbrido (misto de animal e homínídeo), a ponto de poder copular (= “conhecer”) Eva e gerar Caim, a semente (Gn 3.15) da serpente (Gn 3.12 c/c Pv 30.20; JO 8.42-47; 1JO 3.6-10); diz que o nome “Eva”, assim como as denominações protestantes são fruto do pecado. Sobre Satã ter sido colocado como prisioneiro da árvore do bem e do mal dentro do Éden sob o domínio de Adão, veja, nesse sentido, o afirmar do prof. Leandro Quadros, no vídeo “Como entender o acesso do diabo no paraíso para tentar Eva?”; veja, ainda, do próprio Quadros, o vídeo “Satanás foi banido do céu pra terra, por que Deus criou a humanidade pra viver junto com o dragão?”; vá à nota 170. Lembremos do chamado de 2º Templo. Assim como Salomão construíra o primeiro Templo em sete anos, esse segundo foi construído por Zorobabel entre 539-516 a.C., com as obras interrompidas entre 535-520 a.C.; em 20 a.C.

Herodes o embelezou e ampliou, e o general romano Tito o destruiu no ano 70. Veja os vídeos “O que é o Instituto do Templo? Construção do terceiro templo em Jerusalém?”; “O que é o Templo de Jerusalém? A história e arqueologia do Templo”. Veja o vídeo “De acordo com Ezequiel 40, haverá a construção do terceiro templo?”, do prof. Leandro Quadros, onde este (assim como os que comentam tal passagem na Bíblia de Genebra, que, como calvinistas, também são amilenistas, assim como não aceitam o estado intermediário), discordando da maioria dos teólogos, diz que tal templo não será reconstruído, fisicamente, mas dizente, apenas, com o templo celestial futuro, enquanto a maioria dos estudiosos (como os comentaristas da Bíblia de Estudo Plenitude) afirma que esse terceiro templo será um templo físico, reconstruído durante o milênio, na Jerusalém física. Veja o vídeo calvinista “Pré-Milenismo ou Amilenismo? Augustus Nicodemus”. Esse templo de Herodes (reformado a partir do templo construído por Zorobabel) tinha um “pátio dos gentios” (dali que Yaohushua expulsou os cambistas, os vendilhões – veja o vídeo “Ódio ou amor? O que Jesus pensava sobre o Templo de Jerusalém?”), aonde, ali, todo impuro poderia ir, local, inclusive, que a igreja iniciante usava para fazer cultos (LC 24.53; At 2.46 e 5.42), pois os judaítas (יהודים [= iaorrudim; YHWDYM]) não permitiam que os impuros acessassem as demais partes mesmo que do mero “átrio” (vá à nota 50) – sobre a situação espiritual dos judeus em geral, conquanto nação, eles ainda não conseguem ver a Luz (2CO 3.12-16 c/c Mt 5.22); estão fixados na letra da lei de Moisés até o milênio; são vales de ossos secos até lá (Ez 37.9-11); como será o milênio vindouro; veja o vídeo “#2594 Por que judeus hoje não entendem a Bíblia? 2 Coríntios 3:12-16” – logo, é perigoso cristãos importarem doutrinas judaicas. Notar-se que no “átrio” ou “pátio” era onde os sacerdotes se lavavam e deixavam ali suas impurezas (Ex 30.17-21; Ez 42.14 e 44.18,19 e 46.20; Ap 11.2,19), para, só então, poderem adentrar no Tabernáculo propriamente dito (Santuário; o Santo dos Santos era um local excepcional, apartado mesmo do santuário, aonde, muito excepcionalmente somente ia o sumo sacerdote). A purificação do sacerdote (Ex 29.4 e 30.17-21), deixando ele todas as impurezas no átrio ou pátio exterior do santuário (dos gentios; das nações; do mundo; dos impuros; dos híbridos) visava, justamente, a que o sacerdote adentrasse no santuário sem nenhuma impureza; e, portanto, após se purificar e caminhar para o santuário, o sacerdote não poderia tocar ou ser tocado por nada impuro (Lv 6.27,28 e 16.15-17). Com muito maiores razões em se tratando do sumo sacerdote, o qual caminharia com o sangue do cordeiro vicário, para apresentá-lo no Santo dos Santos. Confronte, agora, tais realidades fáticas e bíblicamente documentadas sobre o santuário terrestre, com LC 23.43,46 X JO 20.17. Notar-se, ainda, que até o Calvário o “corpo” dos santos e dos ímpios, ainda que decompostos e distanciados (Sl 68.18; Jz 5.12), ficavam no mesmo patamar, o que só foi mudado por Yaohushua (segundo estudiosos), logo após ele vencer o Calvário, segundo exegese dada a Ef 4.8-10 c/c Sl 68.18 – ver uma visão divergente da quase totalidade dos teólogos, mas fundamentada, no vídeo “O cativo que Cristo levou, o que é?”, Célio Macedo. Da mesma forma que vários outros teólogos, assim é a lição nos deixada por Nels Lawrence Olson (“O Plano Divino Através dos Séculos”, CPAD, 1981), quando este documentou (p. 179) que todos os justos, de Adão até à ressurreição de Yaohushua, ao morrerem, “desciam ao “Paraíso”, que naquele tempo constituía um “compartimento” do “Sheól” (Hades no grego) (...) Entre esse lugar e o lugar dos injustos, no mesmo

*sheól*, havia uma separação...”. Ou seja: já se entendeu que o próprio Paraíso ficava em abismo terrestre (?!; leia o Sl 104.5,6; Gn 1.2,10; Gn 7.19; 2Pe 3.5). Depois, Olson reforça e explica tal afirmar, documentando que: “*Depois de Sua morte Jesus esteve “três dias e três noites no coração da terra”. Mt 12.40; At 2.27,31; V. Ez 31.15-17. Paulo descreve esse lugar como “as regiões inferiores da terra”. Ef 4.9. Portanto, concluímos que o Paraíso em que Jesus e o malfeitor entraram estava no coração da terra. Nesta descida ao Hades Cristo efetuou uma grande e permanente mudança na região dos salvos, isto é, nas condições dos justos mortos. Ele “anunciou” a Sua vitória aos espíritos ali retidos*” (p. 180). Discordamos do grande mestre Lawrence Olson, apesar da sua “explicação bíblica”, de que o Paraíso onde ficavam os salvos antes do Calvário, em algum momento, possa ter sido em qualquer abismo terrestre, assim como discordamos que Yaohushua tenha ficado três noites e três dias no abismo desta Terra (LC 23.43 X JO 20.17) – não confundir corpo/alma com o verdadeiro homem, o espírito! É bem verdade que o conceito de “paraíso”, antes e mais que geográfico, é espiritual, e, portanto, quando e onde Yaohushua reinar (Mt 8.29 [At 17.31; Ap 12.12 e 20.1-3,13-15]; JO 18.36; At 3.20,21; 1Tm 6.15; Hb 2.8; Ap 6.9-11 e 11.15 e 12.10), ali será um paraíso, independente da situação geográfica momentânea. Não só o historiador Flávio Josefo, mas diversos documentos judaicos, inclusive o Talmude, antes mesmo da era cristã já mencionavam o “seio de Abraão” como sinônimo de “céu”, e fica difícil se pensar em “céu” localizado, geograficamente, em um abismo terrestre, mormente quando, em análise teleológica, conectamos, na mesma Bíblia, a expressão única de LC 16.22 (“seio de Abraão”), com expressões bem próximas e correlatas (Is 40.10,11). Vejam-se as seguintes passagens, todas narrando fatos anteriores ao Calvário: JO 1.18 [“seio do Pai”]; Mt 8.11 [“reino dos céus”]; JO 13.23, João “reclinado no seio de Jesus”, e com tudo que, biblicamente, Abraão representa (Gn 12.3; Mt 1.1; LC 13.16,28 e 16.22 e 19.9; Gl 3.29; Hb 2.16). E estas passagens bíblicas, expressamente, conectam a presença de Abraão com “reino dos céus”, e o “reclinar no seio” sempre se referindo a banquetes, como assim era a forma dos judeus se banquetear em comunhão, além de que, os primeiros versículos da narrativa do fato (LC 16.19-21), mostram o rico se banquetear, ao contrário do Lázaro que “desejava alimentar-se com as migalhas que caíam da mesa do rico”. Logo, podemos afirmar, com segurança bíblica, que a expressão “reclinar no seio de Abraão” se refere a participar, com Abraão e os demais salvos, de um banquete espiritual no Paraíso – veja o vídeo “O que é “seio de Abraão”?”, do calvinista prof. Marcos Granconato. Os equívocos do grande mestre Olson, ao ser mais um a entender, geograficamente, “seio de Abraão” em um abismo terrestre, residem em que: **1)** embora verdadeiro o fato de que de Adão até à ressurreição de Yaohushua os santos ficavam no hades (**corpo e alma**, Mt 10.28 c/c At 2.27,31, **de logo esclarecemos nós!**), não permite daí se afirmar que “*desciam ao Paraíso*”, por supor, Olson, que em uma parte do abismo já era o Paraíso, pois não era (Ec 12.7 X LC 23.46); **2)** assim como Jonas ficou três noites e três dias no seio da terra (Mt 12.40 c/c Gn 4.10 c/c Lv 17.11,14 c/c At 17.26 [sangue = alma] – como, então, o Salvador foi crucificado na sexta-feira e ressuscitou no iniciar-se do domingo, como assim ensinam por séculos? – a alma de Abel foi para a terra, assim como o seu corpo, Sl 44.25 e 119.25), ali no abismo do hades terreno ficou foi apenas o corpo e a alma de Yaohushua (“carne” = “alma”, At 2.26,27,31 = Mt 26.38,41), pois no hades (sheól) nunca

fora o lugar dos santos (Sl 16.8-11 c/c At 13.32-38), senão o provisório lugar do corpo e da alma destes (Ec 12.7; Ef 4.8,9; Hb 11.39,40), pois o espírito, que é o verdadeiro homem (Ez 36.25-27 e 37.8-10; JO 3.3-8), quando se tratava dos santos (Ec 12.7; Mt 22.32; LC 9.55,56; Hb 12.9), estes já iam, como sempre assim foi, para a antessala do Paraíso, sob o Trono e junto aos querubins (Ap 6.9-11; Ez 10.1), ou seja, já iam para o 2º céu – veja o vídeo “A verdadeira história de Lúcifer – documentário”. Uma divindade triúna (Pai + Filho + Espírito Santo) criou um homem tricotômico (espírito + corpo + alma, 1Ts 5.23; Hb 4.12), à sua imagem e semelhança (Gn 1.26), para que o homem passasse a ser o tabernáculo (1CO 3.16,17 e 6.19,20) da divindade triúna (JO 2.19-21; 2CO 6.16), sendo certo que o tabernáculo era tricotômico (átrio ou pátio + santuário + santo dos santos). Cumprindo-se o quanto o Eterno havia avisado a Adão (Gn 2.17) e isso fora negado por Satanás (Gn 3.4,5,22), com o pecado, Adão, instantaneamente, “*morreu espiritualmente*” (Ef 2.1-5, NTLH), passando a gerar descendência já à sua imagem e semelhança (Gn 5.3; Gn 3.20; At 17.26) e passando Adão a carregar o peso de um espírito morto e “vivendo” uma mera vida almática por 930 anos (Jd 19, BPMS; NVI; 1CO 2.11,14, Bíblia de Jerusalém). Para que o corpo morra, mister que dele saia tanto a alma (Gn 35.18; 1Rs 17.21,22), quanto também dele saia o espírito humano (LC 8.55; At 7.59; Tg 2.26); por isso mesmo, a ressuscitação (Strong 1453; Mt 27.52, JO 11.43 ≠ Strong 386, JO 6.40 e 11.24; Hb 11.35) só pode dar-se com o retorno tanto da alma (At 20.10), quanto também do espírito (LC 8.55) – na verdade, o que volta é o espírito, e, ao espírito entrar no corpo, a alma é recomposta! E é por isso que alguns teólogos apressados concluem, antibíblicamente, que alma e espírito são inseparáveis, o que é desmentido pela Bíblia, não havendo um único Texto sagrado que afirme isso, mas havendo vários dizendo que corpo e alma têm destino comum (Mt 10.28), e que assim como o corpo, também a alma vai para a terra e ambos se desfazem temporariamente, virando pó (Gn 4.10 c/c Lv 17.11,14; Sl 44.25 e 119.25). Diferente do destino intermediário do corpo e da alma (Is 53.10-12; Mt 12.40; At 2.26,27,31 e 13.32-38) é o destino intermediário do espírito do filho do Calvário (Ec 12.7; LC 23.43,46). Sem já estar unido ao espírito humano totalmente regenerado (1JO 3.2; Rm 8.18,19,23; 2CO 3.18), “carne” (= corpo) e “sangue” (= alma, Gn 4.10 c/c Lv 17.11,14) não podem herdar o reino dos céus, 1CO 15.50. E por isso que, intermediariamente, corpo e alma (Is 53.10-12; Mt 12.40) ficam na terra, Ef 4.8-10 e 1Pe 3.18, ao contrário do espírito do filho do Calvário (LC 23.43,46) que segue ao “seio de Abraão” para ser “consolidado” (LC 16.25; Ec 12.7); **3**) LC 23.43,46 (espírito no Paraíso, no 2º céu, como todos os santos que nasceram de mulher, Ec 12.7 c/c 2CO 5.8) ≠ Is 53.10-12 = 1Pe 3.18 (corpo e alma no hades, Mt 10.28, At 2.26-31, Jó 26.5, ARA, KJA) - prova bíblica disso é que já passadas as três noites e os três dias após a sua morte, Yaohushua afirma para Maria Madalena que ele, que garantira a Dimas que naquele mesmo dia ambos estariam juntos no paraíso (LC 23.43), ainda não havia subido até o Pai, o “lugar inacessível” (Jr 3.19; Mt 6.9 e 23.9; 1Tm 6.16). JO 20.17, ACRF: “Disse-lhe Jesus: Não me detenhas, porque ainda não subi para meu Pai [LC 1.35 c/c LC 23.23,46 – o espírito sem pecado em comunhão permanente com o Pai], mas vai para meus irmãos [JO 3.16 X Rm 8.29; Hb 1.6 e 12.23 c/c Ef 4.12 e Cl 2.10 – já não era unigênito, mas primogênito], e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai [o espírito humano do nascido de mulher sem pecado, Gl 4.4],

meu Deus e vosso Deus [o corpo e a alma dos santos “nascidos de mulher”; Sl 16.9,10 = At 2.26,27]”. Veja o vídeo “Para onde Jesus foi após morrer na cruz? (você vai se impressionar!)” – sobre tais questões, se pode ver os vídeos contrapostos: “Em Lucas 23.43 Jesus afirma ao ladrão que ao morrer, ele iria direto para o céu?”, do Leandro Quadros; “Minha tese sobre LC 23.43”, do Rodrigo Silva; “Jesus mentiu para o ladrão na cruz?” e “Problema de vírgula?”, ambos do Mario Persona – os adventistas, os testemunhas de Jeová, os calvinistas e o Persona têm, em comum, negarem a existência de um estado intermediário, assim como diversos outros negam, inclusive o Walter McAlister, no vídeo “Existe um estado intermediário após a morte?”. Muitos, como nós, não têm dúvidas da verdade do estado intermediário, como aqui estamos provando, sendo que a antessala do 3º Céu é um verdadeiro Paraíso (Ap 2.7; Mt 26.29). Assim é que: só após três noites e três dias foi que Yaohushua, holisticamente já recomposto (corpo, alma e espírito, 1Ts 5.23, Hb 4.12), poderia se apresentar ao Pai no Santo dos Santos do Santuário Celeste (3º céu, 1Tm 6.16), agora já como o perfeito, eterno e verdadeiro sumo sacerdote do verdadeiro Santuário Celeste, e, para tanto, intocado por nada que impuro (Hb 5.5,6; Lv 6.27,28 e 16.15-17); antes do espírito ir ao Paraíso e voltar para se reintegrar ao corpo e à alma, transformando em incorruptível o quanto era corruptível (1CO 15.50), não podem ir à presença do Pai Eterno (2CO 5.6,8; Fp 3.20,21; 1JO 3.2). E, após se apresentar ao Pai, logo em seguida, o Pai o reintroduz nesta Terra, Hb 1.5-6, até completarem-se os 40 dias (At 1.3), ao cabo dos quais ele sobe definitivamente ao Pai, e, 10 dias depois (LC 24.49) desce o pentecoste (JO 16.7,13), cinquenta dias após a colheita das primícias -1CO 15.20,23 - do trigo -JO 12.24 - Lv 23.15,16, NTLH: “Contem sete semanas a partir do dia em que oferecerem a Deus o primeiro feixe de trigo que foi colhido [Gn 49.33, BV “Jacó recolheu seus pés na cama e morreu”] c/c Jó 5.26: “A morte chegará na hora certa, quando você já tiver vivido uma vida longa e feliz, como um feixe de trigo que se colhe quando está maduro”. No dia seguinte, isto é, cinquenta dias depois que ofereceram esse feixe, apresentem a Deus, o SENHOR, outra oferta da colheita de cereais” (At 2.1-4). Interpretar que os espíritos salvos já vão direto para o 3º Céu (Santo dos Santos), sem um estado intermediário na antessala (Paraíso; 2º céu), contraria a Bíblia como um todo. Até porque, isso esvaziaria a grande glória que será a ressurreição, coletiva (JO 6.40 e 11.24; 1CO 15.52; Ef 2.6 [os espíritos de todos os filhos do Calvário já recuperaram quase a totalidade – 1CO 13.12; 1JO 3.2 - da perdida Imagem do Filho - Rm 8.29; 1CO 15.49; Ef 4.12; Cl 2.10; Hb 1.3 e 11.40 e 12.23 -, e já foram, *espiritualmente*, assentados na antessala do Paraíso]; 2Tm 4.8; Hb 11.4,35,39,40 e 12.23,24), ressurreição que é dos corpos de todos os salvos (Is 26.19; Mt 27.52; At 2.31; Rm 7.4; 1CO 15.42,44; Cl 1.18; 1Pe 3.21), da qual o Contrato se farta em falar. Sendo certo que a crença judaica era de que até três dias após a morte, o espírito poderia retornar ao morto, daí Yaohushua, propositalmente, só ter ido ressuscitar Lázaro após três dias (LC 24.21 c/c JO 11.15,17,39), a pergunta que fica: de onde Lázaro retornou? E os outros, Mt 27.52,53 c/c Hb 11.35? O grego tem dois distintos vocábulos que são, ambos, traduzidos ao português como “ressuscitar”. Um diz com os que “ressuscitaram” para voltar, depois, a morrer, a dormir – Strong, 1453, ἠγέρθησαν, transliterado como *egeiró*; por isso a Bíblia fala em algumas “ressurreições” havidas, mas diz de outra “melhor ressurreição”, conjunta (1CO 15.51-53), “do último dia” (JO 6.40 e 11.24), em Hb 11.35

(= Strong 386, ἀναστάσεως, transl. como *anastasis*); a ressurreição que é futura no plano horizontal, mas que também já é passada no plano vertical, Ef 2.6. Seus corpos físicos já haviam apodrecido no abismo da terra; já haviam “sofrido a corrupção”; seus corpos físicos já haviam se corrompido, se decomposto. O rico de LC 16.19-31 estava em um local intermediário. Só quem está com consciência pode ser “consolidado” e “atormentado” (LC 16.25). Alguns nominam o homem como “Dives”, mas esta é apenas uma palavra latina para “rico”; o tal homem era a riqueza personalizada; o homem servo de Mammom, Mt 6.24; LC 12.17-21; Mt 6.24. A riqueza, em si, não é pecado, mas sim a escravização a ela, 1Tm 6.10. E é certo que de onde estava o espírito do (de logo esclarecemos!) rico, este tinha que erguer os olhos para o alto, para, de bem de longe, poder contemplar o local aonde o [espírito do] Lázaro já fora posto como local intermediário dos filhos do Calvário, LC 16.23 (LC 13.28; local de banquete dos salvos, Mt 26.29). No vídeo “#0420 Para onde o crente vai quando morre?”, Mário Persona aborda diversos temas, tais como LC 23.43 (a promessa de Yaohushua ao ex-ladrão Dimas); fala sobre os diversos céus, na visão dele, Persona; diz que LC 16.19-31 (rico e Lázaro) não é uma parábola, mas um caso; nega a inconsciência do espírito autônomo, assim como nega (e aqui discordamos dele) a existência de um estado intermediário, etc. E foi no Cume do Monte Hor que o Eterno recolheu o espírito do seu servo Aarão (Nm 20.28). É no Cume do Monte Santo, no ponto mais alto do 2º Céu, que os anjos do Eterno se reúnem em Assembleia Celestial, para, do alto, receberem a Glória e as ordens do Eterno, como detalhamos na nota 125 (Is 2.2 e 42.10-12; Mq 4.1,2). O exterior ao 1º céu (“átrio das nações”, dos impuros, Ap 11.2; Ez 46.20,AA, BV) é o local que pode ser contemplado da Terra (Ez 28.17,18; Is 14.16), local onde estão os grandes abismos (Strong 5490; do grego χάσμα ; *chásma*) de trevas (Is 14.15; Ef 2.2 e 6.12) e de águas do firmamento (Gn 1.2 e 7.11 e 8.2; Pv 8.27,28). O Sl 104.5,6 fala, claramente, de abismos sobre a Terra (Gn 1.2,10; Gn 7.19; 2Pe 3.5). Strong informa que até o Calvário, *sheol* era uma referência à parte imaterial aonde se sepultavam as “almas”; já uma cova, como abismo no seio da terra, designando um lugar específico e material de sepultamento dos corpos, também era chamado de *queber*. Daí Strong 7585 mostrar que o próprio vocábulo no hebraico original, *sheol*, que a maioria traduz como sepultura das almas, alguns preferem traduzir como cova [= Strong 953, em Ez 32.18], buraco, abismo para corpos e respectivas almas, no seio da terra; tratava-se, assim, de um lugar comum (Gn 2.7,19 ↔ Ec 3.18-21 ↔ Tg 3.15; 2Pe 2.12 e Jd10), ainda que separado por uma divisória, ao qual desciam as almas (as quais sempre acompanham os seus corpos, Mt 10.28; At 2.26,27; Jó 26.5, ARA, KJA) de justos e injustos (Sl 44.25 e 119.25; Gn 4.10 c/c Lv 17.11,14). No original hebraico *sheol* aparece usado em Gn 37.35 e 42.38; Nm 16.33; Is 5.14; Ez 31.16,17; Os 13.14 - embora, aqui, em português, apareça traduzida por “inferno”, sendo que o vocábulo hebraico original é o mesmo dos versículos anteriores, mas sendo inequívoco que Sha’UL cita esse texto em ICO 15.55, onde também aparece como “inferno” – sobre como hoje está o local em Israel, que deu origem aos vocábulos “geena”, “tofete”, “vale dos filhos de Hinom” (Jr 7.31,32), e “acéldama ou campo de sangue” (Mt 27.8 e At 1.19), veja o vídeo “O inferno em Jerusalém – caminhando pelo vale do inferno! O que é o geena?”; veja, ainda, o vídeo “A mais cruel de todas as idolatrias”, do rabino Rony. E é nessa linha que os eruditos responsáveis pelos comentários à Bíblia de Estudo Plenitude, sob Os 13.14, anotaram,